

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
MESTRADO EM LITERATURA**

**DISCURSOS E NARRATIVAS
DA GUERRA DO CONTESTADO**

Mestrando Fernando Goss

**Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Literatura na
Universidade Federal de Santa Catarina**

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Odília Carreirão Ortiga

Florianópolis, dezembro de 1999

Discursos e Narrativas da Guerra do Contestado

FERNANDO GOSS

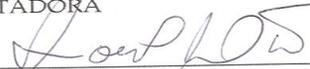
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Literatura Brasileira, e aprovada na sua forma final
pelo Curso de Pós-Graduação em Literatura da
Universidade Federal de Santa Catarina.



Profa. Dra. Odília Carreirão Ortiga
ORIENTADORA



Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Dra. Odília Carreirão Ortiga
PRESIDENTE



Profa. Dra. Maria Luiza Rietzel Remédios (PUCRS)



Prof. Dr. João Hernesto Weber (UFSC)

Profa. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo (UFSC)
SUPLENTE

APRESENTAÇÃO

A presente dissertação está inserida, pelas suas especificidades, em duas linhas de pesquisa “Literatura e Memória” e “Textualidades Contemporâneas”, na área de Literatura Brasileira do Curso de Pós-graduação em Literatura - Universidade Federal de Santa Catarina.

AGRADECIMENTOS

***À professora Odília Carreirão
Ortiga pela orientação,
paciência e força. À Karine e
à Luisa, que em todos os
momentos souberam
compreender e apoiar.***

RESUMO

Esta dissertação efetua pontuações, leituras e reflexões sobre a representação discursiva e narrativa de um fato histórico brasileiro em textos não-literários e literários. Dividida em duas partes, além das considerações iniciais e reflexões finais, na primeira pontuam-se aspectos de representação não ficcional da **Guerra do Contestado**. A segunda parte configura-se na leitura dos romances *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi, e *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto, buscando evidenciar tanto as diferenças narratológicas e estéticas quanto as marcas ideológicas de cada uma das narrativas.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	02
DISCURSOS HISTÓRICOS E HISTORIOGRÁFICOS....	22
<i>Considerações iniciais.....</i>	<i>23</i>
<i>Motivos e fatos da Guerra do Contestado.....</i>	<i>25</i>
<i>A construção: o registro jornalístico e testemunhal.....</i>	<i>28</i>
<i>A reconstrução: o ensaísmo acadêmico e historiográfico.....</i>	<i>37</i>
LEITURA DE LEITURAS.....	49
<i>Considerações iniciais.....</i>	<i>50</i>
<i>Geração do Deserto.....</i>	<i>54</i>
<i>O Bruxo do Contestado.....</i>	<i>65</i>
MEDIDAS E PONTUAÇÕES.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97
<i>Bibliografia específica.....</i>	<i>98</i>
<i>Bibliografia geral.....</i>	<i>101</i>

CONSIDERAÇÕES GERAIS

As visões polimorfas obtidas através dos olhos e da alma encontram-se contidas nas linhas uniformes de caracteres minúsculos ou maiúsculos, de pontos, vírgulas, de parênteses; páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia, representando o espetáculo variegado do mundo numa superfície sempre igual e sempre diversa, como as dunas impelidas pelo vento do deserto.

Ítalo Calvino

Na minha infância, passada no Oeste de Santa Catarina, era freqüente ouvir histórias sobre um conflito acontecido naquela região: a Guerra do Contestado. Em alguns momentos, essas histórias eram veladas, como que procurando o esquecimento de um fato vergonhoso. Mas, em outros, serviam como forma de construir a identidade da região: “Sim, nós tivemos um passado heróico, quando, armados com pedaços de pau, enfrentamos o exército brasileiro”.

Uma extensa área no interior catarinense, compreendendo o Planalto Serrano, Oeste e Norte do Estado, serve de palco para um violento conflito, no período de 1912 a 1916. De um lado, os caboclos habitantes da região, na maioria ligados à agricultura de subsistência e à coleta de erva-mate; e

de outro, o exército brasileiro e as forças militares dos Estados de Santa Catarina e do Paraná, com apoio de grandes fazendeiros da região.

O conflito repercute nos meios de comunicação da época e impulsiona a produção de textos informativos, testemunhais, historiográficos e literários. Assim, as *visões polimorfos*, os múltiplos discursos e as formas variadas de expressão narrativa desenharam o perfil da Guerra do Contestado. Primeiro a construção de sua história pelas notícias jornalísticas e pelos depoimentos testemunhais. Com o distanciamento no tempo, a produção intensifica-se com o surgimento de textos historiográficos de caráter ensaístico, acadêmicos e históricos. E, mais tarde, ocorre a sua recriação em obras literárias. Porém, essas variadas expressões textuais configuram-se em *páginas inteiras de sinais alinhados* na representação do espetáculo da Guerra do Contestado, de leituras sempre diversas.

Mesmo sem receber informações sobre o conflito na educação formal, esse acontecimento histórico, ainda hoje à margem dos manuais de História do Brasil, sempre despertou meu interesse. A oportunidade para aprofundar o estudo a respeito do tema surge ao ingressar no curso de Pós-Graduação em Teoria Literária na UFSC, quando meu desejo vai ao encontro de uma área de pesquisa da Prof^a. Dr^a. Odília Carreirão Ortiga.

No anteprojeto de ingresso no curso, planejava trabalhar discursos e narrativas sobre a Guerra do Contestado. O esboço tinha seu eixo na análise de formas discursivas e narrativas diversas: a jornalística, a histórica, a ensaística e a ficcional. Pretendia ler os procedimentos de representação desse fato histórico em manifestações textuais diversas, que configuram um imaginário social¹ sobre o conflito.

Não obstante alguns recortes, o perfil principal da pesquisa se

¹ Imaginário social compreende aqui toda a carga de significados produzidos sobre um fato social em determinada sociedade, ou seja, a ideologia contida nas construções interpretativas desse fato, individuais e coletivas.

manteve. A busca concentra-se, agora, na presentificação desse acontecimento em narrativas ficcionais, ainda que desenhe outras formas de representação de caráter não-ficcional. O projeto atual, por envolver questões teóricas interdisciplinares, assume, de início, o compromisso de pontuar alguns tópicos referentes às relações entre História e Literatura e às estratégias de representar o “referencial histórico” no romance.

Durante algum tempo, Literatura e História ocupam posições próximas, por vezes se confundindo. A cultura grega não distingue a Literatura da História. Os textos gregos - exceto os líricos - estão ligados ao passado histórico e mítico do povo, fornecedor da matéria-prima das obras de arte, épicas e dramáticas. O conceito de História em Heródoto e Tucídides remete ao testemunho, *aquela que viu*, diferente do sentido assumido na modernidade, quando *implica um gênero científico bem determinado*². Da mesma forma que na cultura grega, durante a Idade Média, quase não se diferenciam as narrativas literárias das históricas, ambas mesclando realidade e lenda. O cronista medieval desempenha duplo papel de historiador e ficcionista; lembra-se aqui o cronista português Fernão Lopes, considerado como o pai da prosa portuguesa e cujas crônicas apresentam, ao lado da pesquisa histórica, qualidades artísticas acentuadas.

Assim, as fronteiras entre Literatura e História começam a ser delineadas no século XIX. O trabalho desenvolvido por Leopold Von Ranke foi significativo para a autonomia da História ao enquadrar a narração dos fatos históricos em duas categorias, história-arte e história-

² GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O Início da História e as Lágrimas de Tucídides”. “Mas nos textos de nossos primeiros ‘historiadores’, a palavra ‘história’ não existe (não se encontra, fora engano, nenhuma vez na obra de Tucídides), ou, então, possui um sentido muito afastado do nosso. Pois quando Heródoto declara, nas primeiras linhas da sua obra ‘Heródoto de Halicarnassos apresenta aqui os resultados de sua investigação (*historiês apodexis*)...’ a palavra *historiè* não pode ser simplesmente traduzida por *história*. O nosso conceito implica um gênero científico bem determinado; a palavra grega *historiè* tem, nesta época e neste contexto, uma significação muito mais ampla: ela remete à palavra *histôr*, ‘aquele que viu, testemunhou’”.

ciência. O paradigma da história-ciência domina quase todo o oitocentismo e início do novecentismo com fundamento na pesquisa de fontes, em especial, nos documentos oficiais, manifestando-se numa narrativa restrita ao relato de acontecimentos políticos relevantes. Para Ranke, a tarefa do historiador é mostrar aos leitores os fatos *como eles realmente aconteceram*, ou seja, defende que a escrita da História deve ser objetiva. Já a história-arte, como as crônicas medievais, configura uma outra forma de expressão, que mistura mitos, lendas, fatos reais e ficção³.

Em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch fundam a revista *Annales* em decorrência de um projeto novo para os estudos históricos. A *École de Annales* questiona o método científico e combate a história factual em nome de uma análise estrutural da história, que leva em conta outros elementos de estudo, como as representações e práticas de uma determinada coletividade. Para Fernand Braudel⁴, segunda geração da Escola, o relevante para os estudos históricos são as mudanças econômicas, políticas e sociais de longa duração e não os eventos pontuais e superficiais. A terceira geração, representada na década de 60 por Paul Veyne, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie e Georges Duby, trabalha com novos modelos de análise histórica, fazendo surgir outras histórias: do cotidiano, da mentalidade, da vida privada e, mais recentemente, do imaginário.

Os estudos históricos na modernidade caracterizam-se pela construção de uma epistemologia que desvincula a História de outras disciplinas das ciências humanas. Contudo, retoma-se, nas últimas décadas do século XX, o debate em torno da legitimidade dessa autonomia, pois a pós-modernidade propõe, entre outras questões, a diluição das fronteiras entre as disciplinas, em particular, Literatura e História. Um dos pontos

³ BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*, p. 15.

⁴ BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*, pp. 22-26.

dessa convergência concretiza-se por questionar a intencionalidade do narrador, o histórico e o ficcional, e o caráter de construção de ambas as narrativas. Na década de 70, a discussão aprofunda-se nas reflexões de Hayden White⁵, em *Meta-História*. A proposta de White está centrada na análise dos elementos poéticos que compõem o discurso histórico. O autor, ao interpretar as principais formas de representação histórica no oitocentismo europeu, considera o texto histórico uma estrutura verbal na forma de discurso em prosa.

Na modernidade, pode-se inferir que a História identifica-se com a Literatura, na demanda de sua especificidade: no caso da História, na busca de autonomia no campo da ciência; no caso da Literatura, na busca de reconhecimento no campo da arte. Com as discussões contemporâneas, tendo Hayden White entre os principais incentivadores do debate, inicia-se um movimento contrário que busca reaproximar esses dois campos de saber. A diluição de fronteiras entre áreas do conhecimento é apontada como uma das principais características das ciências humanas contemporâneas, resultando numa maior aproximação entre as disciplinas.

O esforço de montar um arcabouço teórico, capaz de legitimar a Literatura, enquadra-se em um projeto maior, o surgimento da estética moderna com base no pensamento de Kant e Hegel. É a partir desse momento histórico que os novos conceitos de natureza e experiência estética, e do caráter excepcional da obra de arte são formulados na cultura ocidental.

O estudo da Literatura apresenta, na visão moderna, objetivos próprios, diferenciados das outras manifestações artísticas. Para Raymond Williams⁶, três tendências sociais do século XIX consolidam o conceito de Literatura. A primeira funda-se na definição da qualidade literária, que

⁵ WHITE, Hayden. *Meta-História - A Imaginação Histórica do Século XIX*, pp. 56-58.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*, p. 53.

passa de conhecimento para gosto ou sensibilidade. A segunda, na crescente particularização da Literatura, restrita às obras “criativas” ou de “imaginação”. E a última corre paralela ao conceito de tradição, ao reconhecer a identidade das literaturas nacionais.

Esses questionamentos conceituais de Literatura motivam o surgimento de diversas correntes críticas que buscam métodos específicos, adaptados de outras áreas do saber, para estudar o objeto literário.

Na segunda década do século XX, o formalismo russo procura definir a especificidade do texto literário. Segundo essa corrente, a Literatura se caracteriza pelo uso particular da linguagem e só a lingüística é capaz de definir o estudo da Literatura como ciência. Os trabalhos dos formalistas prefiguram as principais correntes teóricas das décadas subseqüentes, ainda centradas nos textos: o *new criticism* norte-americano e o estruturalismo francês, que dominam o cenário dos estudos literários ocidentais até o final dos anos 60. Presencia-se, ainda nesse século, o estabelecimento de outras correntes críticas e de análise literária, dentro e fora da leitura textual, como a escola de Frankfurt e o Pós-Estruturalismo, para citar algumas das mais expressivas.

Dessa maneira, é possível observar, do início do século XIX até a segunda metade do século XX, um processo de tentar constituir campos autônomos, tanto em relação à História como à Literatura. Porém, as duas formas de expressão convivem durante esse período em um gênero, o romance histórico, que se compromete com o referencial e com o ficcional ao mesmo tempo. Esta convivência se mantém na pós-modernidade, mesmo que o romance histórico apresente características bem diferentes em sua relação com o referencial.

Não há consenso entre os críticos sobre se o romance, incluindo o histórico, constitui um gênero literário próprio ou uma variação do gênero épico. Para Mikhail Bakhtin, o fato de o romance ser um gênero histórico

em constante transformação torna o seu estudo complexo, envolvendo problemas diversos, decorrentes de ser o único gênero *nascido e alimentado pela era moderna da história mundial*⁷.

A questão primeira dessa problemática parece ligar-se a sua gênese, pois alguns estudiosos do assunto datam, apesar das vozes discordantes, o aparecimento do romance no oitocentismo europeu, aliado à estética do Romantismo, à ascensão da burguesia e ao predomínio da ideologia liberal.

Outro ponto controvertido diz respeito à sua conceituação. Para Hegel, o romance configura-se como a epopéia burguesa moderna, na estreita relação dialética entre a estrutura interna e as condições sociais de sua produção. Em idêntica posição sobre o caráter épico do gênero, Georg Lukács considera o romance realista do século XIX como a expressão maior do gênero⁸. Octavio Paz filia também o romance ao gênero épico, porém observa em sua estrutura duas características básicas, a ambigüidade e a impureza, pois

*Limita-se com a poesia e com a história, com a imagem e com a geografia, com o mito e com a psicologia. Ritmo e exame de consciência, crítica e imagem, o romance é ambíguo. Sua essencial impureza brota de sua constante oscilação entre a prosa e a poesia, o conceito e o mito. Ambigüidade e impureza que lhe vêm do fato de ser o gênero épico de uma sociedade fundada na análise e na razão, isto é, na prosa.*⁹

Outra particularidade do romance é a forma de presentificar a realidade. Ao contrário da narrativa da História, que objetiva apresentar o “real”, a narrativa ficcional se compromete com esse “real”, ainda que em alguns romances a relação da ficção com os acontecimentos seja mais

⁷ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética - A Teoria do Romance*. “O romance não é simplesmente mais um gênero ao lado dos outros. Trata-se do único gênero que ainda está evoluindo no meio de gêneros já há muito formados e parcialmente mortos. Ele é o único nascido e alimentado pela era moderna da história mundial e, por isso, profundamente aparentado a ela...”. p. 398.

⁸ LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*, pp. 171-174.

⁹ PAZ, Octavio. “A Ambigüidade do Romance”, p. 69.

estreitada como no romance histórico.

Assim, o romance histórico pode representar o “real” histórico, ou causar “efeito de real” conforme expressão de Roland Barthes¹⁰, por várias formas narrativas, duas das quais vão aqui destacadas. Uma delas, associada à estética do realismo, concretiza-se em uma narração de caráter objetivo, ao tecer a verossimilhança entre a ficção e o mundo referencial. A outra forma procura uma presentificação indireta do referencial e parte da subjetividade para tornar ficcional o mundo objetivo.

Georg Lukács¹¹ data o nascimento do romance histórico nos princípios do século XIX. Outros estudiosos destacam as dificuldades de estabelecer as origens dessa modalidade narrativa, centrada na representação de um ambiente “caducado”, em que os sentimentos não são individuais, mas da coletividade representada¹².

Mesmo diante da impossibilidade de traçar o perfil fechado do romance histórico, não se pode ignorar o papel fundamental dessa modalidade narrativa na formação dos imaginários nacionais no século passado, em especial, na América Latina. No caso do Brasil, o conjunto da obra de José de Alencar e sua defesa do romance de fundo histórico são emblemáticos no esforço de resgatar o passado de uma nação recém-formada, mesmo que esse resgate possa significar uma visão idílica da nossa história. O século XIX é marcado no país por correntes nacionalistas, talvez devido ao pouco tempo de sua existência como nação, cabendo à literatura exercer, muitas vezes, o papel de discurso fundador de uma identidade nacional. Na literatura da América Hispânica, depara-se com um processo similar, assinalado por Fernando Unzueta¹³, quando os

¹⁰ BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. pp 158-165.

¹¹ LUKÁCS, Georg. *La Novela Historica*, pp. 15-17

¹² ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la Novela Historica*, pp. 18 e 62; READ, J.Loyd. *The Mexican Historical Novel*; ZAMUDIO, José. *La Novela Historica en Chile*, pp. 13-14; UNZUETA, Fernando. *La Imaginacion Historica y el Romance Nacional en Hispanoamerica*, pp. 33-48.

¹³ Cf. UNZUETA, Fernando. Op. cit. pp.221-225.

discursos da história e da literatura estão extremamente conectados, chegando a ser inseparáveis em diversos momentos. O romance histórico, para Unzueta, apresenta-se como uma forma artística privilegiada, capaz de, ao fundir esses discursos, recriar um passado e firmar o imaginário nacional nos países americanos de origem espanhola.

Reconhecendo a importância das narrativas históricas, a maioria dos estudiosos faz referência mais freqüente ao chamado romance histórico tradicional. Nesse romance, privilegiam-se os temas retirados de importantes fatos históricos, como guerras e acontecimentos políticos de grandes repercussões. Para Lukács¹⁴, os personagens do romance histórico tradicional representam a essência da sociedade e, através desses personagens, são apresentadas as perspectivas antagônicas dos grupos sociais.

Contudo, Linda Huchteon¹⁵ aponta como uma das principais características da prosa ficcional pós-moderna a retomada do romance histórico, denominado de metaficção historiográfica. Ao analisar alguns romances pós-modernos de trama histórica, ressalta a liberdade com que tratam os fatos históricos agora trabalhados de uma forma não mistificadora e sem preocupação com a fidelidade ao acontecido. Essas narrativas problematizam o conhecimento histórico, ao confrontar os paradoxos de representação da ficção/história, do particular/geral e do presente/passado. Além disso, tais romances não se inquietam em demasia com a veracidade dos fatos, constante dessa espécie narrativa no século passado, pois confirmam a existência de “verdades” e negam a existência de uma só “verdade”. Assim sendo, a metaficção historiográfica reconhece a diversidade na construção dos personagens, enfocando justamente os excêntricos, os marginalizados e as figuras periféricas, em oposição ao

¹⁴ LUCKÁCS, Georg. Op. cit., pp. 12-14

¹⁵ Cf. LUCHTEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. pp. 150-155.

romance histórico tradicional, centrado na construção de tipos significativos de classes sociais privilegiadas.

Uma das propostas desta dissertação funda-se no estudo dos modos de tornar presente na ficção a Guerra do Contestado, pois a objeto da segunda unidade será a leitura comparativa de dois romances históricos brasileiros - *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi¹⁶, e *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto¹⁷ - que tornam presente na ficção esse fato histórico através de técnicas narrativas diferentes e escrituras distanciadas no tempo.

Publicado em 1964, *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi, é o romance mais conhecido sobre a Guerra do Contestado. O autor, nascido em Lages (SC), em 1922, estréia na literatura em 1949, com a publicação do conto *Amigo Velho*, na Revista do Globo. Na década de 50, integra o Grupo Sul, movimento estético e literário de Santa Catarina, que reúne os escritores Salim Miguel e Aníbal Nunes Pires, entre outros participantes. A maior parte da obra ficcional de Sassi, marcada pela temática regional, retrata a cultura da população do planalto lageano. Assim, o conjunto de suas obras está vinculado ao regionalismo, denominado por Antonio Candido de neonaturalismo¹⁸. A procura pelo Brasil dentro do Brasil e a nova descoberta da cultura do interior do país são algumas das características que marcam as diretrizes desse regionalismo, da vanguarda às correntes retardatárias.

O Bruxo do Contestado é o segundo dos três romances publicados por Godofredo de Oliveira Neto. O autor, nascido em Blumenau (SC), em 1951, atua como professor universitário no Rio de Janeiro. Estréia na ficção em 1981 com *Faina de Jurema*. Em 1998, publica *Pedaço de Santo*,

¹⁶ SASSI, Guido Wilmar. *Geração do Deserto*. Porto Alegre/Florianópolis: Movimento/Fundação Catarinense de Cultura, 2a. ed., 1982 (edição de referência).

¹⁷ OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *O Bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996 (edição de referência).

¹⁸ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*, pp. 109-139.

romance passado durante o período da ditadura militar. Oliveira Neto pertence a uma geração de escritores brasileiros surgida na década de oitenta, cuja produção ficcional se caracteriza pela multiplicidade de estilos e pela liberdade estética, marcas da pós-modernidade. O conceito de pós-modernidade é utilizado neste trabalho para reunir algumas manifestações culturais brasileiras das décadas de 70, 80 e 90, entre as quais incluo o romance de Godofredo de Oliveira Neto.

Ainda que as diferenças e as semelhanças nas biografias dos autores não sejam relevantes nessa abordagem, os dados biográficos podem ser complementares ao ângulo principal da minha pesquisa que busca ler os textos como produtos de momentos sociais e culturais diversos. Ambos os escritores nasceram no interior de Santa Catarina e amadureceram literariamente em um grande centro urbano - Rio de Janeiro -, daí o contato mais rápido com as mudanças sociais e culturais que imprimem características próprias às correntes estéticas do novecentismo brasileiro. E, ainda que contemporâneos no século XX, um interregno de pouco mais de trinta anos separa a publicação desses romances, que manifestam momentos estéticos diferenciados. Apesar da identidade temática em torno do Contestado, distanciam-se os romances na forma de tornar presente o acontecimento histórico na ficção, expressando visões estéticas distintas.

Dessa maneira, é possível enquadrar, em linhas gerais, os romances *Geração do Deserto* e *O Bruxo do Contestado*, ambos textualizando fatos históricos na ficção, em um duplo ato de narrar. No primeiro, a representação dos fatos históricos pela ficção efetua-se com maior grau de objetividade; e no segundo, essa representação é elaborada com maior subjetividade e menor fidelidade referencial.

Por se tratar de narrativas que representam acontecimentos peculiares à sociedade brasileira, cabe um pequeno parêntesis para introduzir algumas considerações sobre o papel das narrativas de tema histórico no início do

romance no Brasil. Um dos nossos primeiros romancistas, José de Alencar, autor de várias narrativas históricas, posiciona-se a favor da importância da ficção de fundo histórico na constituição de uma literatura nacional. O escritor aponta, ao prefaciar *Sonhos d'ouro*, três fases na formação da literatura: a *primitiva*, de resgate dos mitos e das lendas; a *histórica*, de construção da identidade do povo brasileiro; e, por último, a etapa de *valorização* desse povo, ainda em desenvolvimento. Por outro lado, Flora Sussekind considera árdua a tarefa do escritor romântico de *abrir a cortina do passado, tirar um Brasil-nação de lá*¹⁹. Destaca, ainda, a complexidade dessa operação, pois o autor precisa *inventar retroativamente a nacionalidade desejada, fundar alguma coisa dizendo que, de algum modo, ela já estaria lá*²⁰.

No século XX é possível identificar pelo menos duas vertentes narrativas no romance histórico brasileiro, uma filiada ao modernismo e a outra, ao pós-modernismo. Os romances históricos do modernismo ligam-se em destaque à produção regionalista das décadas de trinta e quarenta, marcadas por uma nova estética realista que valoriza a temática do interior brasileiro na busca das diversas “faces” do país. Desse projeto vale ressaltar os romances históricos *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, de José Lins do Rêgo e *O Tempo e o Vento*, de Érico Veríssimo, obras que seguem uma linha narrativa tradicional. A partir da década de setenta até final da década de 90, presencia-se a retomada do romance histórico na literatura brasileira, agora adotando uma nova técnica de abordar os acontecimentos e sem preocupações maiores com a fidelidade aos fatos representados. Dessa realização, destacam-se, entre outros, *Galvez, o Imperador do Acre*, de Márcio Souza, *Agosto* e *O Selvagem da Ópera*, de Rubem Fonseca, *Boca do Inferno*, de Ana Miranda e *O Chalaça*, de José Roberto Torinho.

¹⁹ SÜSSEKIND, Flora. “O Escritor como Genealogista: a Função da Literatura e a Língua Literária no Romantismo Brasileiro”. p. 146.

²⁰ Idem, ibidem, p.146.

Observa-se nessas duas vertentes uma mudança na forma de tratar o histórico na ficção. De um lado, prevalece o aspecto coletivo na ficção ligada ao regionalismo, algumas assemelhando-se à estrutura narrativa de uma saga; de outro lado, prepondera nos romances pós-modernos a ficção centrada em pessoas históricas, como o compositor Carlos Gomes em *O Selvagem da Ópera* e o poeta Gregório de Matos em *Boca do Inferno*. Essa última vertente da ficção tende a confundir-se com a biografia, contudo, sem deixar de ser ficcional.

Nas duas vertentes narrativas, a tradicional e a contemporânea, encontram-se romances que tematizam o messianismo. A recorrência desse tema na ficção brasileira justifica-se pela frequência histórica das revoltas populares, ocorridas no interior brasileiro, com características messiânicas. *Pedra Bonita* em Pernambuco, ocorrida por volta de 1836; *Canudos* na Bahia durante o período de 1893 a 1899; e o *Contestado* em Santa Catarina e Paraná, abrangendo os anos de 1912 a 1916 destacam-se entre os movimentos messiânicos pelas proporções sangrentas dos acontecimentos e pelas repercussões culturais dos mesmos. O acontecimento de *Pedra Bonita* presentifica-se no romance homônimo, de José Lins do Rêgo, e no romance *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

Contudo, a representação mais expressiva de todos esses conflitos messiânicos ocorre em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, mesmo que esta obra não seja ficcional. A Guerra de Canudos motiva, ainda, ficções como *Os Jagunços*, de Afonso Arinos e *O Capitão Jagunço*, de Paulo Dantas. O tema internacionaliza-se em *Guerra do Fim do Mundo*, romance do peruano Mario Vargas Llosa.

Procurar um ponto de partida para a leitura de uma obra literária implica, de início, a escolha do papel a ser desempenhado por essa leitura. De modo geral, a leitura ou se constitui em um segundo texto com valor próprio, ou se constitui em um segundo texto explicativo do discurso

latente que o texto primeiro condiciona. Na hipótese primeira, a leitura extrapola as fronteiras textuais, buscando a intencionalidade do escritor e as marcas ideológicas do contexto sócio-político que enforma o texto. No segundo modo de abordagem, a leitura atém-se mais ao texto e às questões estruturais da narrativa.

Apesar do caráter binário dessas posturas críticas, a proposta de leitura dos romances tenta articular os dois modos de abordagem, considerando que em todo texto a organização apresenta um procedimento particular e, ao mesmo tempo, impregna-se, na forma e no conteúdo, das marcas de sua época.

Na primeira etapa de leitura, faço alguns destaques sobre a estrutura narrativa dos romances. Na segunda etapa, coincidente com a primeira hipótese acima exposta, busco ler nos romances os vínculos entre os textos e os seus contextos ideológicos. A ideologia é considerada, aqui, de uma maneira mais ampla, compreendendo o conjunto, ainda que não sistemático, de significados culturais configuradores da visão de mundo presente nas narrativas. Também o sentido ideológico repousa nas molduras sociais e políticas que maturam e determinam o significado textual. Nesse momento, a leitura perfaz um percurso do texto para fora dele e impregna-se, ao longo desse proceder, das minhas experiências de leitor.

Assim, pela ótica de abordagem proposta nesse projeto, o texto vincula posturas políticas e sociais, resultantes da ideologia tanto do escritor quanto do contexto cultural. A ideologia nesses romances está circunscrita à construção dos personagens e ao modo de presentificar os acontecimentos da Guerra do Contestado na ação ficcional, ambos através do discurso do narrador; e à formação do imaginário social, constituída pela fala dos personagens.

A leitura dos romances *Geração do Deserto* e *O Bruxo do*

Contestado, alinhados no mesmo subgênero literário, o romance histórico, e produzidos em épocas distintas, pretende observar os procedimentos narrativos que os aproximam e os separam, e, em consequência, as convergências e as divergências ideológicas que determinam a produção desses romances.

Como todas as minhas leituras começam por uma reflexão sobre o título da obra, inicia-se a apresentação do trabalho pelo seu título, *Discursos e Narrativas da Guerra do Contestado*, cuja meta mais ampla busca avaliar a representação de um fato histórico em textos, discursos e narrativas, diferenciados em modos, formas e ideologias. A palavra *discurso* é usada em sentido restrito, abrangendo os textos não ficcionais, incluídos na pesquisa, e *narrativa* para designar os textos ficcionais. Mesmo consciente que o conceito de narrativa é bem mais amplo, abrangendo outras formas textuais além da literária, a distinção é adotada nesse trabalho no sentido de operacionalizar a metodologia²¹. A representação deve aqui ser interpretada em seu *stricto sensu*, como a configuração de formas e de composições discursivas e narrativas de um fato real, que se insere em um produto cultural e ideológico, literário ou não-literário. Os textos não-literários assumem, de certa forma, um compromisso com o real, ao passo que nos textos literários, em especial no romance histórico tradicional, esse compromisso funda-se na verossimilhança entre o fato na ficção e o fato no mundo referencial. Já o romance histórico da pós-modernidade apresenta uma relação entre a ficção e a referencialidade bem mais flexível, em que a verossimilhança se processa em diferentes graus. Em decorrência, o projeto compreende a leitura de duas espécies de textos: os historiográficos compõem a primeira unidade e os ficcionais, em especial os dois romances já citados, compõem

²¹ Da mesma forma que narrativa, o conceito de discurso é muito mais amplo que o aplicado aqui, abrangendo qualquer conjunto de enunciados, inclusive os literários.

a segunda unidade. Ao buscar a realização coerente e comunicativa dos procedimentos, das estratégias e dos resultados da presente investigação, distribuem-se os tópicos da leitura em um plano de trabalho que se abre com considerações de caráter geral e cujo corpo central divide-se em duas partes: *Discursos Históricos e Historiográficos*, e *Leituras de Leituras*.

A primeira unidade - *Discursos Históricos e Historiográficos* - configura-se em uma apresentação, em traços amplos e perfil não fechado, das construções e reconstruções históricas da Guerra do Contestado, através de diferentes discursos: o jornalístico, o testemunhal, o ensaístico e o historiográfico. De acordo com a proposta do trabalho, separam a produção textual sobre a Guerra do Contestado em duas categorias com base nessas formas de tornar presente o fato histórico em textos de naturezas diversas. A primeira, *a construção histórica*, é produzida ainda sob impacto da proximidade temporal do fato e compreende os registros nos meios de comunicação da época; e os relatos testemunhais de pessoas envolvidas de forma direta ou indireta nesses acontecimentos. No caso dos periódicos, foram utilizados na pesquisa os seguintes jornais contemporâneos à Guerra do Contestado: *O Dia* e *O Estado*, de Florianópolis-SC, *O Argonauta*, de Tubarão-SC, *Tribuna do Povo*, de Tijucas-SC e *O Imparcial*, de Canoinhas-SC²². Quanto aos relatos, destacam-se os testemunhos do tenente do exército brasileiro, Herculano Teixeira d'Assumpção, e dos franciscanos, Rogério Neuhaus, Menandro Kamps e Candido Spannagel. O militar, pertencente ao 58º Batalhão de Caçadores do Rio de Janeiro, integra as forças militares chegadas no final de 1914 na região em guerra. Já os religiosos de origem alemã estão presentes no cenário do conflito em virtude de suas atividades missionárias em Santa Catarina.

²² A consulta a esses periódicos foi realizada no arquivo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, em Florianópolis.

A segunda categoria, *a reconstrução historiográfica*, compõe-se de textos ensaísticos - acadêmicos e historiográficos -, surgidos a partir da década de 50. São abordadas aqui as teses acadêmicas de Maria Isaura Pereira Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz, Douglas Teixeira Monteiro, Marli Auras e os estudos de Aujor Ávila da Luz e Oswaldo Rodrigues Cabral.

A segunda unidade - *Leitura de Leituras* - recobre as leituras das obras *Geração do Deserto* e *O Bruxo do Contestado*, cada uma delas dividida em duas etapas. Na primeira, abordo questões ligadas ao paratexto e à estrutura narrativa dos romances. Na segunda, sob a ótica do contexto, busco as marcas culturais que determinam a forma e o conteúdo dessas narrativas. O pensamento de Fredric Jameson²³ em *O Inconsciente Político*, ao considerar *a narrativa como ato socialmente simbólico*, norteia a segunda etapa da leitura dos romances sob a perspectiva de *três horizontes concêntricos*. Ainda que de caráter operatório, essas três esferas buscam estabelecer a relação do texto com a sociedade na *crônica dos acontecimentos*; no perfil político-social, expresso pelo *discurso antagonico das classes sociais*; e no simbólico, marcado pela *ideologia da forma*. Vale destacar que a teoria de Jameson, ao considerar o romance como um ato social de caráter simbólico, implica a concepção de que qualquer interpretação de uma narrativa significa reescrevê-la sob um código específico. Dessa forma, toda leitura é uma reconstrução que precisa considerar o momento da escritura e a distância temporal entre a escritura e a leitura. Além disso, segundo o autor, é preciso levar em consideração que todo texto já traz em si uma carga interpretativa anterior ou, no caso de um texto novo, *de hábitos de leitura sedimentados e categorias desenvolvidas pelas tradições interpretativas de que somos*

²³ JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político - A Narrativa como Ato Socialmente Simbólico*, pp. 68-93.

*herdeiros*²⁴.

A título de conclusão, fecham o trabalho algumas reflexões sobre tópicos diversos da leitura e sobre as relações entre Literatura e História. Dito de outra maneira, essa unidade, ao deixar de lado a noção rígida de fechamento, pode ser considerada como um momento de reflexão, de dobrar-se sobre si mesma e de percorrer, em passos rápidos e a contrapelo, a medida e as pontuações deixadas em surdina no decorrer da leitura dos romances *Geração do Deserto* e *O Bruxo do Contestado* e dos textos não ficcionais. O procedimento resulta, primeiro, do confronto das formas de tornar presente o fato histórico nesses romances, depois enquadrar as narrativas em os seus contextos estético-culturais. Nessa unidade procura-se também observar as correspondências entre os discursos não ficcionais e as narrativas ficcionais, tendo como horizonte último o cenário do entrelaçar História e Ficção.

A primeira obrigação de um trabalho é indicar - pelo menos estabelecendo os limites e sublinhando alguns caracteres distintivos - o seu objeto. Ademais, toda pesquisa deve ter meta precisa, além de direção e continuidade no existir; condições essas que, de início, registro aqui e espero evidenciar no decorrer do trabalho.

²⁴ Op. cit. pp.11-14.

***DISCURSOS HISTÓRICOS
E
HISTORIOGRÁFICOS***

Considerações iniciais

Entre o texto e suas leituras há uma relação necessária e contraditória. Cada leitura é histórica e cada uma delas nega a história. As leituras passam, são histórias e ao mesmo tempo ultrapassam-na, vão mais adiante dela.

Octavio
Paz

De acordo com o pensamento de Octavio Paz, todo texto propicia um diálogo construtivo e *contraditório* com suas leituras. Seguindo esse pensar, é possível apreender o ocorrido na região do Planalto Serrano catarinense através do diálogo que se estabelece entre os múltiplos textos sobre a *Guerra do Contestado* e as suas múltiplas leituras. Os textos e as leituras tecem as malhas do acontecido no sul do país, nos primórdios do século XX. Porém as leituras e os textos, marcados pelo momento histórico, ao construírem as histórias, podem negar a História. Mas, a História vai se reconstruindo a partir dessas múltiplas interpretações que desenham, por óticas diferentes, o fato e os seus contornos. São essas

interpretações que, em seus limites temporais, constroem e reconstroem a História da Guerra do Contestado.

A proposta nessa unidade limita-se a realizar apresentações de textos de linguagens diversas e formas diferentes de representação da Guerra do Contestado. Aqui o vocábulo representação de uso e sentido amplos refere-se, como foi assinalado antes, aos modos de tornar presente em categorias discursivas e narrativas diversas um fato histórico. Assim, tanto o discurso histórico quanto o discurso historiográfico visam, em última análise, a presentificação de um acontecimento de interesse coletivo, ao configurar manifestações diferenciadas do processo de representar. São formas discursivas de presentificação de um fato histórico aqui denominadas de *construção histórica* e *reconstrução historiográfica*.

Cabe registrar com antecipação a ocorrência de alterações estéticas e ideológicas, determinada pela passagem do tempo e pela transformação da sociedade brasileira, distanciando os discursos do momento de construção textual da Guerra do Contestado, já referidos na introdução do trabalho, daqueles discursos posteriores responsáveis pela revisão historiográfica desse acontecimento, também citados na referida introdução.

No primeiro momento, registra-se a predominância da visão oficial, comprometida com a ideologia dominante, em que os revoltosos são retratados como bandidos e desordeiros. Na reconstrução historiográfica, a maioria dos textos privilegia o enfoque dos revoltosos como vítimas de um sistema social injusto, excetuando-se, entre os textos que serão abordados nessa unidade, o estudo de Aujor Ávila da Luz, em *Os Fanáticos - Crimes e Aberrações dos Nossos Caboclos*.

Motivos e fatos da Guerra do Contestado

Estabelecer com precisão as causas de um conflito constitui uma tarefa complexa e a história da Guerra do Contestado não foge ao padrão. Contudo, os estudos historiográficos convergem para uma quase concordância ao destacar questões sociais e políticas como responsáveis pela deflagração da luta armada.

Até a segunda década do século XX, uma vasta área do interior de Santa Catarina - a região entre o Vale do Itajaí, Planalto Serrano e a fronteira com a Argentina - é pouco habitada. A baixa densidade populacional é determinada, de um lado pelo relevo das serras do Mar e Geral, que separa o litoral das terras do interior; e de outro lado pela indefinição territorial na disputa de fronteiras com a Argentina e pelo litígio de limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná²⁵.

A querela jurídica sobre a divisa territorial na região contestada, causa da não determinação política dessa área, inclui-se também entre os elementos indutores do conflito. Os dois estados da federação travam uma longa batalha jurídica e política pela posse desse território, iniciada no período do Império e prolongada na República até o ano de 1917, quando é feita a demarcação definitiva da região em litígio.

A organização social do território contestado reproduz o modelo de boa parte do interior brasileiro, ou seja, a concentração de grandes áreas territoriais nas mãos de poucos fazendeiros, os “coronéis”, que mantinham também o poder político. Nessa estrutura social - coronelista e patriarcal -

²⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*; QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social - a Guerra Sertaneja do Contestado*.

diversas famílias vivem em torno de uma grande gleba e de um fazendeiro, senhor das terras e dos meios de trabalho. O modelo fundiário reflete, para a maior parte da população, a impossibilidade de adquirir terras através da posse e de participar do processo produtivo, restando a esse contingente humano a condição de agregado ou apadrinhado do coronel.

A situação é agravada pelo distanciamento de centros urbanos e pela ausência de assistência religiosa regular. O isolamento geográfico e econômico do território contestado ordena um sistema religioso arcaico, tributário de um catolicismo ibérico e fundador de um messianismo de características similares às dos movimentos ocorridos em outras regiões brasileiras. Esse misticismo propicia a veneração de “monges”, “eremitas” ou “messias” e o seu reconhecimento como portadores da mensagem divina de um novo modelo de sociedade. As idéias de justiça divina e social introduzidas na região por três monges, no final do século XIX e no início do século XIX - dois de nome João Maria e o terceiro José Maria - tornaram-se um dos principais elementos de aglutinação dos sertanejos. em torno de uma causa comum que acabou por dar origem à revolta.

A construção da estrada de ferro São Paulo - Rio Grande, entre 1906 e 1910, ao atravessar o território contraditado, traz duas conseqüências que agravam a situação social dessa região: primeira, o aumento considerável da população, pois, com o término das obras, a maioria dos trabalhadores permanece na região, sem terra ou trabalho; segunda, a exacerbação da situação fundiária em conseqüência da doação do governo brasileiro à Brazil Railway Company, responsável pela construção da ferrovia, de quinze quilômetros de terra em cada margem da estrada de ferro.

Essas questões sociais, políticas e econômicas servem de subsídios à compreensão dos motivos pelos quais a população mestiça e "ignorante" se rebela e resiste por mais de três anos numa guerra sangrenta.

Entre os anos de 1912 e 1916, ocorre o confronto armado

denominado de Guerra do Contestado, no qual participam parte dos habitantes dessa região, enfrentando as forças militares nacionais do exército e da polícia. Os grupos em conflito constituem-se, de um lado pelos caboclos revoltosos - resultantes da miscigenação de brancos, índios e negros -, em sua maioria posseiros de terras, e sujeitos a uma estrutura social desigual. E, de outro lado, pelas forças militares organizadas, sem experiência bélica expressiva, provenientes de vários estados da federação e, por isso, a maioria dos seus membros sem conhecimento da região do conflito.

A primeira batalha entre *pelados* e *peludos* acontece em Irani em 1912, ocasião em que morrem, do lado dos revoltosos, o monge José Maria e do lado dos militares, o coronel João Gualberto, comandante das tropas da polícia paranaense. Seguem-se uma série de confrontos localizados, destacando-se os ocorridos nos redutos de Taquaruçu, Caragoatá e, por último, em Santa Maria, a derradeira concentração dos revoltosos. A denominação de *pelados* e *peludos* foi criada pelos próprios sertanejos que raspam o cabelo e a barba como uma forma de identificação do grupo, em contraposição aos *peludos* do governo.

Não há precisão estatística em relação ao número dos envolvidos no conflito, mas calcula-se em torno de oito mil participantes o contingente rebelde. As forças militares utilizam um agrupamento de seis mil soldados e o número total de mortos, de ambos os lados, pode ter chegado a três mil pessoas²⁶.

É polêmica a razão do fim dessa *guerra santa*, denominação recorrente ao conflito por apresentar forte caráter religioso. Na historiografia de cunho acadêmico, Maria Isaura Pereira de Queirós destaca entre os motivos da deposição de armas, *as moléstias, a miséria e a fome*.

²⁶ Cf. CABRAL, Oswaldo Rodrigues. Op. cit; QUEIRÓS, Maurício Vinhas de. Op. cit e MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do novo Século - Um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*.

Estas razões estão em discordância com a maioria dos textos sobre o conflito, quer de construção histórica quer de reconstrução historiográfica, que apontam a prisão de Adeodato, o último líder dos revoltosos, em julho de 1916, como o fator determinante do final do confronto.

É importante ressaltar que a arquitetura desse pequeno resumo sobre os motivos e fatos da Guerra do Contestado é fruto das leituras, tanto dos textos que fazem parte da construção histórica como dos textos responsáveis pela reconstrução historiográfica. Porém, destaca-se que os dados de cunho informativo sobre locais e datas de batalhas apresentam poucas diferenças nos dois modos de representação textual do acontecimento histórico. Em relação aos motivos que levam ao confronto armado, a pesquisa privilegia as interpretações presentes nos textos de reconstrução historiográfica do conflito, portanto após a reformulação no modo de olhar a Guerra do Contestado. Tal é a mudança que se busca evidenciar nessa unidade, na apresentação dos textos selecionados

A construção: o registro jornalístico e testemunhal

A partir da hipótese estabelecida na pesquisa, a *construção da história* da Guerra do Contestado resulta de discursos jornalísticos e testemunhais superpostos, que inauguram o procedimento de representação textual do acontecimento.

Os primeiros registros sobre o fato aparecem nos periódicos contemporâneos ao conflito. É importante enfocar o papel do jornal como formador da opinião pública da época, ao configurar-se como um dos meios de comunicação capaz de exercer tal desempenho. Outra característica desse período repousa no engajamento dos jornais às disputas

políticos-partidárias, nacionais e regionais, sendo os periódicos utilizados como porta-vozes de grupos opositoristas ou favoráveis ao governo²⁷. Assim, na cobertura jornalística da Guerra do Contestado, as notícias sobre o fato espelham as versões oficiais, pois as fontes de informação limitam-se, quase sempre, aos documentos burocráticos - os relatórios militares e as manifestações de órgãos governamentais.

Vale lembrar que a cobertura da Guerra dos Canudos pelos jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador instaura no jornalismo brasileiro a prática do envio de correspondentes aos locais dos acontecimentos²⁸. Já na Guerra do Contestado são raros os exemplos das reportagens efetuadas nos lugares das ocorrências.

Ao contrário da maneira pela qual é entendida hoje a imprensa, as notícias veiculadas nos jornais do início do século XX apresentam caráter opinativo e postura parcial, mesmo significando ocultar ou modificar fatos. O registro jornalístico, construído no calor da hora, alinha-se à tradição da época: parcialidade na condução do fato e ausência de notícias colhidas no local do conflito. Em consequência, a tônica que predomina na cobertura jornalística sobre a Guerra do Contestado incide sobre a necessidade de resolver o conflito com a derrota dos revoltosos perturbadores da ordem social constituída. O jornal *O Argonauta*, de Tubarão-SC, publica, cinco dias após o primeiro confronto armado da guerra, em 27 de outubro de 1912, a seguinte notícia:

É gravíssima a situação dos sertões de Curitibanos, Campos Novos e Palmas. O monge, João Maria, a frente de numeroso grupo de fanáticos, atacou, de chofre, o Regimento de Segurança do Paraná, matando o commandante João Gualberto, officiaes inferiores e mais de 60 praças. Os Governos Federal e Estadual, no sentido de dispersar esses grupos de verdadeiros bandidos e assassinos,

²⁷ Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*, pp 210-226; PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder - A Comunicação em Santa Catarina*, p. 20.

²⁸ Cf. GALVÃO, Walnice Nogueira. *No Calor da Hora - A Guerra de Canudos nos Jornais*, p.32

tomaram promptas providencias, enviando para aquelles logares, fortes contingentes de praças.

No jornal *O Dia*, da capital catarinense, o editorial de 19 de dezembro de 1913 ressalta a influência dos religiosos na formação do grupo de revoltosos: *basta que o primeiro charlatão se proponha a curas rápidas e milagrosas, sem resultados, para que em torno dele se organize um forte bando de fanáticos ignorantes e criminosos.*

Outro jornal da região litorânea catarinense, *Tribuna do Povo*, de Tijucas-SC, ao alertar sobre a gravidade da situação, em 24 de agosto de 1914, adverte da necessidade de providências mais enérgicas por parte do governo:

Parece que o governo Federal deseja que a revolução dos fanáticos, ou bandidos, de Taquaruçu, tome o incremento necessario para implantarem a desordem em todo o Estado. Pois ate hoje não foram dadas as providencias necessarias para que vejamos voltar a paz.

As ultimas notícias, registram assassinatos e roubos que são cometidos pelos bandidos, vendo-se assim as famílias obrigadas a refugiarem em pontos longiquos, para não serem victimas das balas e laminas assassinas.

No jornal *O Imparcial*, de Canoinhas-SC, município situado na região do conflito, a tomada de posição é evidente, pois alinha-se explicitamente aos grandes fazendeiros e aos comerciantes locais, inimigos diretos dos revoltosos. No dia 08 de novembro de 1915, por exemplo, publica a seguinte notícia, enfatizando a crueldade dos sertanejos: *Informam elles que Deodato, o celebre chefe passa ordens severas, matando a sangue frio, aquelles que não a cumprirem restrictamente. Quanto a estarem esses bandoleiros em Timbó, não devemos extranhar, pois de ha muito tempo que elles andam a transferir os reductos, o que se dá sempre após as batidas das forças.*

Em contrapartida, no jornal *O Estado*, que começa a circular em

Florianópolis, a partir de 13 de maio de 1915, a cobertura apresenta-se com manifestações menos extremas, chegando, inclusive, a relatar “supostos” crimes do exército, embora sem aprofundar a matéria, aceitando e endossando as explicações oficiais dessas ocorrências.

Observa-se no discurso das notícias desses jornais a construção da imagem dos caboclos rebeldes como *bandidos*, *bandoleiros* e *assassinos*. Já o conflito armado é geralmente definido como uma violência contra a ordem estabelecida e, portanto, necessitando de uma solução rápida para o restabelecimento da paz.

Uma outra forma de olhar o fato, ainda sob o impacto dos acontecimentos, é o que denomino de testemunho. O termo testemunhal designa aqui os relatos de cunho memorialista ou autobiográfico, escritos por pessoas que participam direta ou indiretamente na Guerra do Contestado. Portanto, difere da expressão literatura testemunhal cunhada por vários autores para identificar uma forma narrativa desenvolvida na América Latina, no século XX²⁹.

Da mesma forma que Euclides da Cunha testemunha os episódios mais marcantes da campanha de Canudos e transforma esse registro na obra *Os Sertões*, alguns relatos testemunhais sobre a Guerra do Contestado foram produzidos e publicados³⁰. No trabalho destaca-se duas obras: *A Campanha do Contestado (As Operações da Coluna Sul)*, do tenente do exército brasileiro Herculano Teixeira d'Assumpção, e *A Guerra dos Fanáticos (1912 - 1916) A Contribuição dos Franciscanos*, relatos

²⁹ Sobre essa designação, consultar os textos *La Ficción del Testimonio*, de Ana Maria Sanchez e *Sobre a substituição de importações culturais no Terceiro Mundo: o Caso da Obra Testemunhal*, de Fredric Jameson.

³⁰ Além das duas obras apresentadas nesse capítulo, outros textos com o mesmo teor foram lidos durante a pesquisa, como o relatório apresentado pelo General Fernando Setembrino de Carvalho e a sua conferência feita no Clube Militar, *A Pacificação do Contestado*, ambos publicados em 1916; as publicações feitas em jornais da capital catarinense pelo General Vieira da Rosa e depois reunidas na obra *Reminiscências da Campanha do Contestado*; e o relato do também militar Demerval Peixoto, *A Campanha do Contestado*. O recorte feito observa os relatos de representantes de instituições diversas, no caso a Igreja Católica e o Exército Brasileiro.

organizados por Frei Aurélio Stulzer. Apesar de esses textos aproximarem-se de *Os Sertões* pelo seu caráter testemunhal, nenhum deles possui o reconhecimento do público leitor e a qualidade literária da obra de Euclides da Cunha. Alguns pesquisadores assinalam, inclusive, que a Guerra do Contestado não tem a mesma repercussão da de Canudos pelo fato de não possuir um cronista da envergadura de Euclides da Cunha, que imortaliza em sua obra o conflito ocorrido nos sertões da Bahia.

A obra de Herculano d'Assumpção compõe-se, em sua maior parte, por descrições das operações militares, dos movimentos das tropas e das estratégias de combate. Dividido em dois volumes, o relato é pontuado por uma série de considerações geológicas, econômicas e sociais sobre a região e os seus habitantes. Aproxima-se, em sua técnica discursiva, de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, ao juntar pontuações e relatos diversos sobre o conflito. Ilustrada com fotografias, a narração do deslocamento militar é acrescida de várias considerações sobre a geologia e a botânica da região. Na parte IV do primeiro volume, faz um desvio para introduzir reflexões de cunho socioeconômico sobre o interior de Santa Catarina: *um parenthesis na minha narração militar, para tratar dos costumes e hábitos do sertão e do banditismo que, colhendo nas suas malhas os ingenuos fanáticos, transformou-os nos mais acabados bandoleiros*³¹. O autor equipara os objetivos de sua obra com os propósitos do historiador tradicional, pois *a verdade deve culminar em tudo*³².

Seguindo uma visão bastante difundida no final do século XIX e início do século XX, Herculano d'Assumpção busca demonstrar que o atraso cultural e intelectual do povo habitante desse interior repousa na sua miscigenação. Vale lembrar o esforço político e intelectual para o “branqueamento” do país a partir da segunda metade do século XIX, com o

³¹ ASSUMPCÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado (As Operações da Coluna Sul)*, p. 175.

³² Idem, *ibidem*, p. 175.

incentivo à imigração européia, promovido pelo imperador D. Pedro II. As teses científicas, evolucionistas e deterministas em voga na Europa, nesse período, são transportadas para o Brasil e aplicadas em diversas áreas do conhecimento, fundamentando os primeiros estudos brasileiros de ciências sociais. Autores respeitados na época como Raimundo Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides de Cunha³³ difundem tais idéias. Conforme Maria Isaura Pereira Queiroz, esses intelectuais consideram *a existência de costumes bárbaros, aborígenes e africanos* como os principais entraves ao desenvolvimento de uma cultura sólida e homogênea que deveria promover mudanças econômicas e sociais em conformidade com modelos brancos e europeus.

A influência dessas correntes de pensamento evidencia-se em algumas passagens da obra de Herculano d'Assumpção, principalmente nos capítulos sobre o modo de vida, a psicologia e a cultura dos habitantes do interior catarinense envolvidos no conflito. Para ele: *A falta de estradas de penetração no sertão é a causa principal do atraso de suas indústrias e da ignorância da quasi totalidade de sua população.*³⁴ E retoma esse pensamento mais adiante ao afirmar que *o barbarismo sem nome ha de campear sempre, desassombadamente, por todo o sertão fértil e esquecido, sem o instrumento civilizador, e, por isso, condenado ao desamparo do poder.*³⁵ Assim, o isolamento da população sertaneja implica de um lado a *sua rudeza de costumes e de hábitos*³⁶ e de outro, a manutenção de um sistema social arcaico. A essas questões, Herculano d'Assumpção acrescenta a análise das características físicas e mentais dos caboclos. Respalda pelos estudos *antropológicos* da época, registra ser a *indolência o peor defeito de grande parte daquela gente; dessa morbida*

³³ Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil", p. 31 .

³⁴ ASSUMPÇÃO, Herculano Teixeira. Op. cit. p. 183.

³⁵ Idem, ibidem, p. 186.

³⁶ Idem, ibidem, p. 195.

*predisposição nascem outros que tanto deprimem o seu caracter(...). É a vida do selvagem. E, assim, vão elles ficando cada vez mais embrutecidos pelo ócio que paulatinamente, os prepara para o crime*³⁷. A convicção da inferioridade biológica e cultural dos caboclos manifesta-se na comparação com os imigrantes europeus, por ele descritos como uma *população ordeira, disciplinada inteligente e summamente prestativa*³⁸. Em contrapartida, os habitantes da região serrana, *onde, então, só reinava a anarchia, a miseria, a completa desorganização na vida privada e publica*,³⁹ estão descritos de uma forma negativa na constatação de não se encontrar nesses lugares *um só homem valido, uma só criança que tenha uma certa robustez physica*⁴⁰. A ignorância do povo, a rudeza de sua cultura e o atraso material são apontados como as motivações do surgimento de uma religiosidade que propicia o deflagrar do conflito.

*É assim o sertão. Os seus homens mais rudes, dominados pela ignorancia que gera superstições que muito concorrem para os seus continuados desvarios, esses homens são como os boidios; nem sempre provocam a lucta, mas quando uma força superior sacode seus instinctos perversos, despertando-os com vigor, então elles evidenciam toda a sua maldade inconcebivel, tornando-se inimigos terriveis, sanguinarios, atilados e traiçoeiros.*⁴¹

E, mais adiante, reforça o perfil messiânico do conflito ao consignar que grande parte dessa gente, *tomada por uma seita desarrazoada que a attrahia para a voragem do crime, acaba criando os reductos do fanatismo e do banditismo.*⁴²

A obra do tenente Assumpção, ao relatar as operações dos militares na região, abre espaço também para comentários sobre a cultura da

³⁷ Idem, ibidem, p. 196.

³⁸ Idem, ibidem, p. 198.

³⁹ Idem, ibidem, p. 198.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 198.

⁴¹ Idem, ibidem, p. 201.

⁴² Idem, ibidem, p. 211.

população em conflito e sobre as causas e as conseqüências dessa guerra. O discurso do militar, em particular nesses comentários, expressa uma ideologia antagônica aos revoltosos, descritos como rudes, *dominados pela ignorância*, bandidos de *maldade inconcebível*, criminosos de *instintos perversos* e inimigos de temperamentos *sanguinarios e traiçoeiros*. Mesmo compreendendo a impossibilidade de Assumpção relativizar a sua visão política e cultural a respeito do outro - os adversários - em nenhum momento percebe-se quaisquer fissuras no monolítico bloco dos relatos e dos comentários. Mais uma vez difere da posição assumida por Euclides da Cunha, cujo olhar dispensado aos sertanejos de Canudos modifica-se no decorrer da narrativa quando, por exemplo, identifica as razões culturais do grupo. Dessa forma, as reflexões de Assumpção reproduzem a ideologia dominante no período do conflito, presente também nos registros jornalísticos.

Este modo de olhar a Guerra do Contestado está presente em outra obra testemunhal, *A Guerra dos Fanáticos - a Contribuição dos Franciscanos*, publicada em 1982. Organizado pelo frei Aurélio Stulzer, o livro resulta da compilação de crônicas paroquiais e de relatos dos frades Rogério Neuhaus, Menandro Kamps e Candido Spannagel, atuantes na região na época do conflito. Nos relatos, as questões religiosas e místicas são abordadas como motivadoras da deflagração do conflito. Para os franciscanos, o isolamento da população e a falta de amparo da Igreja Católica propiciam o desenvolvimento de uma religiosidade afastada dos princípios do catolicismo. Os autores registram a atuação tanto dos monges João Maria e José Maria quanto dos líderes posteriores, responsáveis, segundo eles, pelo desvirtuamento do catolicismo. O destaque maior é dado ao monge João Maria como causador primeiro desse fanatismo:

A Guerra dos Fanáticos só foi possível na fé àquele mensageiro. Uma

*palavra de sua boca valia e vale ainda hoje mais do que as verdades eternas do Evangelho, do que quaisquer instruções de sacerdotes e bispos, e até o Santo Padre só acerta ensinar a verdade se esta confere com a pregação de João Maria.*⁴³

A liderança e a influência mística dos monges, de acordo com os testemunhos dos religiosos, trazem uma série de conseqüências nefastas à população da região. Na opinião de frei Rogério, os combates e as mortes são *frutos bem tristes da semente ruim*⁴⁴ plantada por José Maria. Já o frei Menandro Kamps, ao testemunhar sobre os falsos profetas, afirma que são *homens que iludem o povo simples com palavras sonoras e com alguns remédios, afastando-o da prática da santa religião.*⁴⁵ Esses testemunhos registram, além das motivações dos *caboclos*, os detalhes dos *lastimáveis acontecimentos ocorridos*⁴⁶ e as tentativas dos padres de apaziguar a revolta e impedir o crescimento do contingente de *fanáticos*. Os freis assinalam que o fator primordial da guerra deixa de ser o religioso, pois a partir de determinado momento o que mantém os sertanejos em conflito *não é mais o fanatismo, mas o prazer pelo banditismo e a vingança*⁴⁷.

O retrato inicial dos caboclos, pintado pelos freis franciscanos, distancia-se um pouco dos retratos presentes tanto nos jornais quanto no testemunho do tenente Assumpção, pois os sertanejos são apresentados como *um povo simples*⁴⁸, *um povo ignorante*⁴⁹, *um povo crédulo*⁵⁰. Porém, esse procedimento modifica-se no transcórre dos relatos, ao redefinir os revoltosos como *terríveis bandidos*⁵¹, *bandoleiros fanáticos*⁵², com a

⁴³ STULZER, Aurélio. *A Guerra dos Fanáticos (1912 - 1916) - A Contribuição dos Franciscanos*, p 31.

⁴⁴ Idem, *ibidem*, p. 33.

⁴⁵ Idem, *ibidem*. Segundo o religioso, *José Maria chamou a confissão de bobagem. É o dever do padre combater esses falsos profetas que vêm na pele de ovelha, embora sejam na verdade, lobos rapaces.* p. 32.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p.12

⁴⁷ Idem, *ibidem*, p. 62.

⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 32.

⁴⁹ Idem, *ibidem*, p. 35.

⁵⁰ Idem, *ibidem*, p. 34.

⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 123.

⁵² Idem, *ibidem*, p. 137.

*horrível tarefa de praticar crueldades*⁵³.

Apesar dessas nuances nos testemunhos dos religiosos, predomina no primeiro momento de presentificação textual do acontecimento a tônica de identificar essa população como *fanáticos, bandidos, bandoleiros, desordeiros, ignorantes* e provocadores de uma guerra fratricida. Pela proximidade dos testemunhos, sobretudo, pelas posturas ideológicas dos autores - um ligado ao exército e os outros à Igreja Católica Apostólica Romana -, o olhar dispensado aos acontecimentos é parcial e reflete o pensamento dominante na época do conflito.

A mudança no modo de olhar a Guerra do Contestado acontece após a passagem de três décadas, quando o conflito passa a ser abordado por outros ângulos e outras perspectivas. As transformações ocorridas na forma de pensar o país propiciam uma revisão do acontecimento, aqui denominada de reconstrução e expressa na produção de textos de caráter ensaístico - acadêmicos e historiográficos.

A reconstrução: o ensaísmo acadêmico e historiográfico

A sociedade brasileira modifica-se a partir da década de trinta, quando se observa um processo crescente de industrialização e de urbanização, e o fim do domínio político das oligarquias paulista e mineira, substituídas pelas oligarquias do Rio Grande do Sul e da Paraíba. No campo intelectual, novas maneiras de abordar os fenômenos sociais são adotadas por pesquisadores que passam a pensar o país e a sua população de formas diferentes. É representativa dessa mudança a publicação, na década de trinta, de três obras marcantes: *Casa Grande e Senzala*, de

⁵³ Idem, *ibidem*, p. 70.

Gilberto Freyre (1933); *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1934); e *Evolução Política do Brasil*, de Caio Prado Júnior (1933). Na produção textual sobre o Contestado, essa mudança evidencia-se na década de cinquenta, propiciando um novo modo de olhar o conflito, aqui denominado de *reconstrução*. Os textos ensaísticos, tanto as teses acadêmicas como os estudos historiográficos, são responsáveis pela configuração dessa fase.

Assim, a perspectiva temporal permite o ajuste do modo de olhar o fato, agora sob uma ótica menos compromissada com a ideologia oficial e mais crítica em relação às circunstâncias históricas. Esse distanciamento favorece a reconstrução do acontecido através de discursos ensaísticos: o acadêmico, resultante de uma nova visão oriunda da consolidação das universidades brasileiras, e o historiográfico, produto de uma outra proposta de visualizar os acontecimentos, enquadrada no projeto da Nova História.

O interesse pela revisão historiográfica surge no meio acadêmico, daí a precedência, na apresentação dos textos ensaísticos, das teses de Maria Isaura Pereira de Queiroz, Maurício Vinhas de Queiroz, Douglas Teixeira Monteiro e Marli Auras. Observa-se, além da seleção por gênero, a seqüência temporal de suas publicações⁵⁴. Já na segunda parte dessa subunidade, propõem-se os estudos de Oswaldo Rodrigues Cabral e de Aujor Ávila da Luz. Apesar de o conjunto estar organizado pela categoria de gênero e pela cronologia, o capítulo abre-se com a exceção constituída pelo ensaio de Aujor Ávila da Luz que, em termos amplos, considero também de caráter historiográfico, ainda que assuma uma postura ideológica discordante desse momento de reconstrução textual do

⁵⁴ Registram-se aqui duas outras teses, uma de cunho historiográfico, de Laís Mourão Sá, *Contestado: A Geração Social do Messias*, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, 1971. E outra da área de literatura, de Heloísa Pereira Hübbe de Miranda, *Travessias pelo Sertão Contestado: Entre Ficção e História, no Deserto e na Floresta*, Programa de Pós-graduação em Literatura Brasileira da UFSC, defendida em dezembro de 1997.

acontecido.

Assim *Os Fanáticos - Crimes e Aberrações de Nossos Caboclos*⁵⁵, de Aujor Ávila da Luz, editado em 1952, não se alinha ao pensamento dominante nesse conjunto. Embora a publicação ocorra distante do acontecido e quando a visão do conflito já se encontra relativizada, o estudo identifica-se ideologicamente com os conceitos formulados por Herculano d'Assumpção. O autor propõe-se a apresentar um estudo das *razões mais salientes deste fanatismo estúpido e sanguinário*. É importante ressaltar que, à época de sua publicação, as teorias biologistas e racistas já estão em declínio, e poucos ousam utilizá-las, frente à antropologia moderna, à sociologia marxista e às correntes filosóficas do pós-guerra. A forma de construção da obra e os conceitos nela defendidos ligam-se, ainda, à produção intelectual do final do século XIX e início do século XX. Tendo como subtítulo, *Contribuição para o Estudo de Antropo-sociologia Criminal e da História do Movimento dos Fanáticos em Santa Catarina*, o texto busca as razões “científicas” para a Guerra do Contestado, utilizando para isso conceitos já ultrapassados à época de sua escritura. Ao adotar uma estrutura narrativa de cunho determinista já utilizada em *Os Sertões*, Ávila da Luz reproduz, em dois capítulos de seu livro, os títulos - *A Terra* e *O Homem* - e, de certa maneira, a técnica de narrar empregada por Euclides da Cunha, também reproduzida por Herculano d'Assumpção. O capítulo primeiro, *A Terra*, e o terceiro, *O Homem*, focalizam as características geográficas da região e as características físicas e psicológicas de seus habitantes, respectivamente. A descrição do homem que ocupa o interior catarinense baseia-se em teorias racistas e eurocentristas:

Depois da mistura das três raças, fez-se ainda, indiretamente, através do cruzamento das duas principais sub-formações, do ‘mameluco’ e do ‘mulato’; e a repulsa característica do produto da

⁵⁵ LUZ, Aujor Ávila da. *Os Fanáticos: Crimes e Aberrações da Religiosidade dos Nossos Caboclos*.

*mestiçagem pela raça inferior d'onde sai, do mameluco pelo índio, do mulato pelo negro, ainda mais favoreceu este cruzamento...*⁵⁶.

O estudo defende a tese de que os problemas sociais e econômicos, entre os quais se inclui a religiosidade própria da região - o fanatismo -, são conseqüências do determinismo biológico e genético da população. No capítulo *O Homem*, o autor tece considerações sobre a mistura das três raças na formação do sertanejo do Contestado, avaliando sempre a partir da supremacia da “raça branca” em relação às outras e da degeneração causada pela miscigenação racial: *Mesmo, além da contínua diluição do sangue inferior no sangue branco, a ação persistente do meio e da “self-domesticação” pode com o tempo, dar estabilidade aos mestiços e fazer mesmo aparecer caracteres novos.*⁵⁷ Além de assinalar a forte presença de *raças inferiores* na constituição dessa população, o autor acrescenta que o representante do *elemento superior* não é puro, pois o português *tem uma etnogenia complexa e heterogenea e no qual corre uma forte dose de sangue negro e mouro, alguns dêsses caracteres inferiores que, por atavismo, tivessem voltado à tona nos produtos de sua mestiçagem.*⁵⁸ Assim, as características bio-genéticas da população prefiguram o atraso da população e o surgimento de uma religiosidade, *produto de mestiçagem*, que aglutina os caboclos em torno de um místico. Conforme o autor, o *catolicismo do português, o animismo do índio e o fetichismo de negro, fundindo-se na alma do caboclo*, criam uma religiosidade *impregnada de misticismo estúpido, pronto a descambar para o fanatismo.*⁵⁹

Portanto, a obra de Aujor Luz encontra-se em completa dissonância com a produção intelectual brasileira contemporânea à época da sua publicação. O autor busca nas teorias das ciências sociais da segunda

⁵⁶ Idem, ibidem, p. 40.

⁵⁷ Idem, ibidem, pp. 42-43

⁵⁸ Idem, ibidem, p. 43.

⁵⁹ Idem, ibidem, p. 67.

metade do século passado - em especial no determinismo biológico, no racismo e no evolucionismo - as bases para efetuar a análise da Guerra do Contestado. Porém, como foi ressaltado anteriormente, tanto a sociologia como a antropologia modernas negam esses modelos de análise, considerados reducionistas, por estarem baseados na supremacia de uma cultura ou de uma raça sobre as outras.

Em contrapartida, a nova forma de olhar a Guerra do Contestado, responsável pela fase de reconstrução, é perceptível primeiro na produção acadêmica. Entre os ensaios acadêmicos, destaca-se de início a tese de Maria Isaura Pereira de Queiroz, *La "Guerre Sainte" au Brésil: Le Mouvement Messianique du "Contestado"*, apresentada na Universidade de Paris, em 1955⁶⁰. O trabalho é centrado na análise do conflito a partir do messianismo, recorrente na história ocidental desde a Antigüidade e presente em alguns movimentos armados no Brasil, salientando-se Canudos. O conceito de messianismo, para a autora, restringe-se a dois tipos de fatos sociais, a *crença na vinda de um enviado divino que trará aos homens a felicidade, a paz, condições mais felizes de existência*, e a *ação de um grupo que, obedecendo às ordens de um líder que acredita de origem sagrada, tem o fim de realizar sobre a terra a Idade de Ouro da promessa messiânica*⁶¹.

Ao enquadrar a Guerra do Contestado no messianismo, Maria Isaura ressalta ser esse o meio encontrado pela população para reagir à dominação social. Segundo a pesquisadora, a religiosidade é tanto o elemento aglutinante desse povo como a sua única forma de resistência, pois as *condições sociais de opressão tendem sempre a produzir movimentos de reivindicações sociais, as quais tomarão a forma messiânica se a religião*

⁶⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La Guerre Sainte au Brésil: Le Mouvement Messianique du "Contestado"*. São Paulo, Universidade e São Paulo, Boletim nº 187/Sociologia nº 5. Embora freqüentemente citada por outros autores, a tradução da tese em língua portuguesa, segundo a minha pesquisa, não foi efetuada.

⁶¹ Idem, ibidem, p. 276.

*do grupo em foco possui função utilitária no contexto social de que faz parte*⁶². Assim, a pesquisa busca na organização social dos revoltosos as razões do surgimento de um movimento messiânico. Além disso, define a situação social da região pelo binômio *dominação-submissão*, expresso pelo poder sócio-político de um grupo pequeno de coronéis sobre um grupo maior de caboclos à margem do poder, situação característica dos outros movimentos messiânicos brasileiros. A terra e o poder se concentram nas mãos de poucos, criando um desnível social e econômico entre os fazendeiros e a grande maioria da população. Destaca, ainda, a difícil sobrevivência do homem isolado, *que não se filiasse a nenhum clã de grande fazendeiro, tornava-se impossível em tal meio, e a defesa contra a prepotência desses mesmos chefes, ou a tomada de poder de suas mãos, eram inteiramente impraticáveis*.⁶³ Além disso, identifica quatro formas de classificar os estudos de interpretação do messianismo brasileiro: o *biológico*, ao enfatizar a inferioridade física e mental dos mestiços; o *patológico*, ao explicar o movimento como loucura coletiva; o *cultural*, ao confrontar as populações *mais adiantadas* do litoral às populações *atrasadas* do interior; e, por último, o *sociológico*, ao ligar os movimentos às condições sociais da região. O estudo de Maria Isaura alinha-se ao grupo sociológico, quando define que *é sempre um grupo oprimido que desencadeia o movimento. Este representa uma solução construtiva oferecida aos sofrimentos coletivos, visa o estabelecimento de um novo equilíbrio social. Não podemos interpretá-lo como um movimento autístico, uma fuga do real; ao contrário, é uma força viva que age sobre o real para modificá-lo*.⁶⁴ Percebe-se no estudo de Maria Isaura o início da mudança no modo de olhar a Guerra do Contestado, agora vinculado a questões sociais e classificado como um movimento de caráter ideológico.

⁶² Idem, ibidem, p. 276.

⁶³ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Op. cit. p. 279.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 278.

Em um outro estudo acadêmico, *Messianismo e Conflito Social*, Maurício Vinhas de Queiroz⁶⁵ adota uma linha de abordagem ligada à sociologia marxista e aponta como motivo principal do conflito a organização social e econômica da região. O agravamento das tensões sociais entre uma classe minoritária e dominante, formada por latifundiários, e outra majoritária e dominada, formada por trabalhadores incapazes de manter uma economia de subsistência, é tida como a principal causa da revolta. Segundo o autor, *pela primeira vez em nossa história as massas camponesas manifestaram a clara consciência da necessidade de garantir o seu direito de terras*⁶⁶. Também pela ótica de Queiroz, o messianismo é o indutor da nova organização social dos caboclos ao pregar a possibilidade de a lei terrena ser substituída por normas morais, capazes de justificar essa nova ordem. Porém, na conclusão o autor ressalta que o caráter religioso da revolta foi determinante para o fim do movimento, pois *o messianismo é uma revolta alienada*⁶⁷ e, nesse caso, *a coletividade que se revolta não tem possibilidades objetivas de vitória*⁶⁸. Ao analisar a Guerra do Contestado a partir de uma visão marxista, o pesquisador enfatiza a falta de uma consciência de classe no grupo revoltoso, o que impede o desenvolvimento de um movimento revolucionário para a transformação concreta da sociedade. Essa postura segue o pensamento dominante da sociologia brasileira da segunda metade do século XX, em especial nas décadas de 50 e 60, período em que Queiroz realiza sua pesquisa, quando os estudos voltam-se para as camadas menos favorecidas da sociedade.

Com outra postura analítica, Douglas Teixeira Monteiro, em *Os Errantes do Novo Século - Um estudo sobre o surto Milenarista do*

⁶⁵ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. Op. cit

⁶⁶ Idem, ibidem, p. 68.

⁶⁷ Idem, ibidem, p. 290.

⁶⁸ Idem, ibidem, p. 289.

*Contestado*⁶⁹, tese de doutoramento apresentada na Universidade de São Paulo, realiza o estudo do comportamento social de um grupo em crise. Para isso, desenvolve análises de uma série de fenômenos sociais anteriores e contemporâneos à Guerra do Contestado, divididos em dois momentos: o *desencantamento do mundo* e o *reencantamento do mundo*. O estudo inicia-se com a crítica tanto aos trabalhos de outros pesquisadores, *que recorrem a poderosos determinismos geográficos e biológicos na análise dos “fanatismos” religiosos brasileiros*, quanto às análises *históricas e sócio-culturais*, nas quais *a descrição das “condições objetivas” foi feita, às vezes, em termos tão amplos, que se perderam os nexos explicativos concretos*⁷⁰. A primeira parte do trabalho identifica o sistema de dominação dos grandes fazendeiros, a questão da terra e o catolicismo rústico da população como os problemas responsáveis pelo *desencantamento do mundo* e pela quebra da ordem social estabelecida na região do Contestado. A segunda parte, denominada de *reencantamento do mundo*, um *processo de reconstrução que se fez a partir dos valores ameaçados pela crise*⁷¹, enfoca as características religiosas, os aspectos da vida cotidiana e a organização social dos revoltosos, após o início do movimento.

O trabalho de Douglas Teixeira Monteiro refuta as explicações *reducionistas* que enfocam apenas uma característica do movimento e sua interpretação faz-se através de dois planos: *por um lado as condições histórico-sociais do movimento e por outro, o universo de significados elaborado pelos rebeldes*⁷². O pesquisador articula esses dois planos, um de caráter social e outro de caráter simbólico, na análise da Guerra do Contestado, para tentar compreender as condições fundamentais que propiciam a deflagração de uma revolta civil e de um conflito armado. O

⁶⁹ MONTEIRO, Douglas Teixeira. Op. cit.

⁷⁰ Idem, ibidem, p. 12.

⁷¹ Idem, ibidem, p. 14.

⁷² Idem, ibidem p.16.

estudo de Monteiro procura unir duas correntes de análise, geralmente dissociadas e consideradas conflituosas ideologicamente.

Também resultante de um trabalho acadêmico, Marli Auras publica em 1984 a dissertação de mestrado, *Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla*, na área de Educação da Universidade de São Paulo. A autora demonstra, de início, a intenção de abordar o tema a partir do pensamento de Antonio Gramsci. Assim, analisa o conflito como uma forma de luta dos caboclos contra a nova ordem capitalista, instalada na região, responsável pelo desestruturar da organização social vigente. O povoamento e a modernização do interior de Santa Catarina, intensificados a partir da República, impõem aos caboclos outras estruturas sociais e econômicas, ainda não assimiladas, como a necessidade de produção capitalista e a exigência por parte do governo de títulos de propriedade das terras ocupadas pelo posseiros. Conforme a autora, a religião e a formação de irmandade mística configuram as formas de resistência dos sertanejos à nova realidade, tornando-os *sujeitos da história com o seu inequívoco manifesto de rejeição à ordem capitalista em curso*⁷³.

Os quatro ensaios acadêmicos demonstram o predomínio das análises de caráter sociológico nas pesquisas sobre a Guerra do Contestado realizadas dentro das universidades. Mesmo que apresentem diferenças metodológicas entre si, os discursos se aproximam ao procurar entender o conflito a partir de estudos enfocando o grupo revoltoso. As análises buscam dentro da organização dos rebeldes os instrumentos para a interpretação do acontecimento histórico. São textos que reconstroem a imagem dos caboclos, que passam a ser tratados como vítimas de um sistema social injusto e que se revolta contra a ordem político-social opressora. Os ensaios, portanto, refletem a ideologia preponderante nos estudos de ciências humanas brasileiros a partir década de 50,

⁷³ AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla*. p. 170.

principalmente, com forte influência do pensamento marxista.

Entre os ensaios de caráter historiográfico, esta pesquisa enfoca, além do texto de Aujor Luz, a pesquisa *A Campanha do Contestado*⁷⁴, de Oswaldo Rodrigues Cabral, referência obrigatória dos estudos sobre a Guerra do Contestado⁷⁵.

O autor refuta a interpretação predominante, segundo ele, de ser o fanatismo religioso o motivo principal do conflito:

*Embora persista ainda, com demasiada insistência, a premissa do fanatismo religioso, tendo até, recentemente surgidos trabalhos que a ele correlacionam a sublevação, querendo apontá-la como resultante de aberrações e da religiosidade do sertanejo e responsabilizá-las pelos crimes então cometidos, entendemos que a tese é insustentável, desde que recuemos a observação, procurando identificar a procedência e origem dos fios que tramaram a bandeira da luta, da qual se tem olhado apenas para a cruz que estampava e não para o tecido de que foi feita.*⁷⁶

Em suas linhas gerais, o estudo de Cabral acompanha a metodologia tradicional, baseada na pesquisa de fontes documentais, orais e bibliográficas. O texto começa com a descrição da região do conflito em seus aspectos geo-políticos e tece considerações sobre a questão dos limites entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Contudo, o capítulo destinado a definir a responsabilidade dos “monges” no deflagrar da guerra compreende quase um terço da obra. O autor realiza uma pesquisa meticulosa para definir a origem dos três monges e reconstituir suas passagens em Santa Catarina. Percebe-se uma mudança na descrição moral desses religiosos. O primeiro, João Maria de Agostini, é descrito como *bom*

⁷⁴ CABRAL, Oswaldo. *A Campanha do Contestado*. A obra é uma reedição revisada de *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado*, de 1960.

⁷⁵ Além dos textos referidos, encontram-se outros pesquisadores que publicam estudos possíveis de serem enquadrados na produção historiográfica sobre a Guerra do Contestado. Entre eles, destacam-se Nilson Thomé e Paulo Ramos Derengoski.

⁷⁶ Idem, *ibidem*, pp. 06-07.

e *justo*, além de ser mais *severo para consigo próprio do que para com seu próximo*. Destaca, ainda, que o monge, *sendo indigente, repartiu com os seus semelhantes o único bem que possuía: - a sua fé.*⁷⁷ Em contrapartida o segundo monge, João Maria de Jesus, difere, sob os aspectos da religiosidade, do primeiro, pois *suas práticas religiosas não apresentavam aquela conformidade de Agostini que nunca se afastara da comunidade católica*. Cabral acrescenta ao perfil do segundo monge a presença de idéias políticas *certamente um tanto confusas - e nisso se descobre facilmente a influência que a revolução federalista exercera sobre a sua mente.*⁷⁸ Já o terceiro monge José Maria, de acordo com o pensamento de Cabral, limita-se a arrecadar *o espólio dos seus antecessores. Para tanto - e aqui se revela a impostura - fez-se passar do que até pouco antes vivera e tomou o nome de José Maria de Santo Agostinho*. Traça o retrato desse monge de forma antagônica aos dois primeiros, que se distinguem pela *frugalidade, continência, caridade*, virtudes que não eram o forte de José Maria. Registra entre as falhas de caráter do último monge o abuso *das suas crentes, pois quando eram bonitas, fazia suas companheiras.*⁷⁹

Oswaldo Rodrigues Cabral defende a tese do não afastamento do sertanejo dos preceitos da Igreja Católica e, por isso, a religiosidade é causa secundária do conflito. Para o pesquisador, a interpretação capaz de reconstruir na historiografia a imagem desse conflito não se funda no fanatismo religioso - *conseqüência da ignorância do nosso sertanejo, preparada e seduzida pelo desvio psíquico de um monge*⁸⁰ - mas em outras causas, as políticas e as sociais. Portanto, ao estudar a origem e a participação dos religiosos, Cabral observa que os monges não foram responsáveis pela organização dos revoltosos e nem pelo deflagrar do

⁷⁷ Idem, ibidem, p. 106.

⁷⁸ Idem, ibidem, p. 162.

⁷⁹ Idem, ibidem, pp. 179-180.

⁸⁰ Idem, ibidem, p. 338.

conflito. Segundo o pesquisador, no cerne da revolta está o sistema social vigente que submete a população a uma exploração política e econômica. Porém, ao contrário das análises alinhadas à ideologia marxista, o autor não busca interpretar as estruturas desse sistema social, mas apenas apontá-lo como causador do conflito. Desse modo, a obra de Cabral se aproxima mais de história factual que tenta reconstruir os acontecimentos a partir de pesquisas.

A distância temporal entre o ocorrido e as releituras do fato permite a reconstrução textual da Guerra do Contestado. Os textos ensaísticos, acadêmicos e historiográficos apontam para uma diversidade de causas determinantes do conflito e refletem a ideologia do pensamento social brasileiro da segunda metade do século XX. Apesar da voz dissonante de Aujor Luz, a maioria dos textos dessa categoria assinala, de um lado, a opressão social como fator predominante pela deflagração da guerra e, de outro lado, a posição dos revoltosos como explorados e vítimas de uma estrutura socioeconômica injusta.

Apesar dos matizes, constata-se, no segundo momento de representação textual desse acontecimento histórico, uma nova maneira de olhar a Guerra do Contestado, incluindo, agora, outros elementos de análise e de pesquisa. A reconstrução historiográfica, ao operar uma revisão na forma de abordar o fato, instaura uma metodologia diversificada de análise e funda uma interpretação mais ampla do acontecido. Essa nova hermenêutica é fruto da ideologia predominante da inteligência brasileira, que resulta na análise da realidade social em que o conflito se desenvolve e busca recuperar a voz dos “vencidos”. Tais interpretações propiciam a retomada da discussão sobre o tema na academia e fora dela, com novos debates que proporcionam a representação desse acontecimento histórico por múltiplas linguagens, inclusive a literária, que veremos na próxima unidade.

LEITURA DE LEITURAS

Considerações iniciais

Primeira medida de precaução do escritor: verificar cada texto, cada fragmento, cada parágrafo se o tema central se sobressai com nitidez.

Theodor Adorno

A medida de precaução recomendada para a escritura serve também à leitura que deve aliar em cada parágrafo lido, do fragmento ao texto, o prazer enunciado por Barthes à busca do tema central aconselhada por Adorno.

Semelhante a um prólogo do ato de ler, cabe aqui explicitar os motivos do recorte entre as representações ficcionais da Guerra do Contestado e a metodologia da leitura. A presente unidade compreende a leitura de dois romances, *Geração do Deserto*, de Guido Wilmar Sassi, e *O Bruxo do Contestado*, de Godofredo de Oliveira Neto, que manifestam na ficção, de modo direto ou indireto, esse acontecimento. Os textos objetos dessa leitura harmonizam, de formas diversas, a ficção com o referencial histórico. Como foi ressaltado na introdução desta dissertação, o romance

histórico é um gênero híbrido na literatura que une ficção e referencialidade histórica. Porém, essa representação do referencial processa-se de formas diferentes: na modernidade a proximidade da ficção ao histórico é maior; e na pós-modernidade a relação entre ficção e referencial se apresenta de modo mais livre, não se observando tanto a fidelidade aos acontecimentos históricos.

A recriação do acontecimento da Guerra do Contestado por diferentes linguagens artísticas constitui o último momento de categorização dessa representação textual no presente projeto de leitura. Desde meados da década de sessenta, várias obras artísticas foram produzidas tendo como tema, principal ou secundário, esse fato histórico. Essas representações configuram-se em linguagens diversas: a literária em romance, poesia e texto dramático; e a cinematográfica em filmes de curta e longa-metragem. Dessa produção destacam-se na literatura, os romances *Casa Verde*, de Noel Nascimento; *Eles não Acreditavam na Morte*, de Frederecindo Marés de Souza; *O Jagunço - um Episódio da Guerra do Contestado*, de Fernando Osvaldo de Oliveira; *O Canto do Inhambu*, de Rudney Otto Pfützenreuter; *O Império Caboclo*, de Donaldo Schüler; e *Os Rebeldes Brotam da Terra*, de Alcides Ribeiro da Silva; no teatro, os textos dramáticos *Contestado*, de Romário José Borelli e *Olhos Cegos*, de Mauro Faccioni Filho; e no cinema, o filme *A Guerra dos Pelados*, longa-metragem de Sylvio Back. Contudo, cabe registrar que essa produção é muito mais extensa e diversificada, na qual se incluem, em outra linguagem, as telas à óleo sobre o tema do Contestado do pintor catarinense Willy Zumblick. A maioria dessas representações reproduz a ideologia verificada nos textos historiográficos, privilegiando os revoltosos como protagonistas do conflito. Observa-se uma excessão no romance *O Canto do Inhambu*, centrado na história de protagonistas antagônicos aos rebeldes e com uma ideologia mais próxima ao momento de construção da História

da Guerra do Contestado.

A escolha de *Geração do Deserto* e o *Bruxo do Contestado* deve-se pelas diferentes formas de aproveitamento temático do acontecimento histórico, decorrentes das mudanças estéticas ocorridas entre as publicações, o primeiro seguindo uma tendência neo-realista e o segundo inserido na pós-modernidade. Assim, as transformações de postura estética, motivadas pelas mudanças sociais, servem de moldura ao ato de escrever e de ler esses romances, um ainda vinculado ao narrar tradicional e o outro de feitura narrativa mais contemporânea.

A leitura busca enfatizar os modos das narrativas escolhidas presentificarem o fato histórico, ou seja, como o referencial histórico é representado nessas ficções. O núcleo da leitura é precedido pela pontuação de aspectos narrativos dos textos. Não cabe no horizonte desta dissertação, pelo caráter descritivo de seu projeto, a opção por um paradigma teórico-metodológico. Contudo, no ato de ler os romances, procuro evidenciar também os subtextos que exprimem o que Fredric Jameson denomina de *inconsciente político*⁸¹ das obras. Assim, faço a abordagem central a partir de *três horizontes concêntricos*, adaptados do projeto de Jameson, primeiro para tornar visível a *crônica dos acontecimentos*; segundo para destacar o perfil da sociedade expresso pelos *discursos antagônicos das classes sociais*; e terceiro para detectar a *ideologia da forma*, expressa no sistema simbólico. A teoria de Jameson é aqui usada apenas como um procedimento operacional, ou melhor, uma espécie de complementação epistemológica que serve como diretriz organizadora da leitura, sem tentar harmonizar teorias ou estratégias oriundas de áreas teóricas diversas. O aproveitamento do modelo de leitura proposto por Jameson faz-se num espectro amplo, não observando na íntegra a proposta do autor.

Em decorrência dessa apropriação, a leitura procura evidenciar as

⁸¹ JAMESON, Fredric. *O Inconsciente Político*, pp. 68-89.

formas de representação do fato histórico nos romances em três horizontes. No primeiro horizonte, denominado de *crônica de acontecimentos*, a leitura se processa em um plano mais descritivo, verificando de que maneira a referencialidade histórica se presentifica em ambas as narrativas. Nessa fase, a leitura concentra-se nas questões textuais nas quais é possível identificar os elementos narrativos de representação. Já no segundo horizonte, *discursos antagônicos das classes sociais*, a busca centra-se na maneira pela qual a sociedade é apresentada nos dois romances, através das posições assumidas pelos grupos sociais enfocados. Por último, o terceiro horizonte configura-se como o mais amplo e procura identificar as diferenças ideológicas entre as duas narrativas no modo de representar o mesmo fato histórico, utilizando os elementos levantados nos dois momentos anteriores de leitura. Assim, de acordo com o pensamento de Jameson, procura-se uma ampliação social dos textos, pois segundo o autor:

*O ato literário ou histórico, portanto, sempre mantém uma relação ativa com o Real; contudo, para fazer isso, não pode simplesmente permitir que a “realidade” persista inertemente em si mesma, fora do texto e à distância. Em vez disso, deve trazer o Real para sua própria textura...*⁸²

Dessa maneira, a leitura vai se concentrar nas relações entre ficção e referencialidade nas narrativas escolhidas, ressaltando o ideologia presente no modo de olhar o fato histórico da Guerra do Contestado.

⁸² Idem, ibidem, p. 74.

Geração do Deserto

O texto de Guido Wilmar Sassi - o segundo dos quatro romances do autor - é publicado pela primeira vez em 1964, no mesmo ano do Golpe Militar que derruba o governo do Presidente João Goulart. A partir da renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o país passa por um momento de turbulência política e cultural, que resulta na tomada do poder pelos militares. O romance é editado pela Civilização Brasileira, dirigida por Ênio Silveira. Logo após o Golpe, essa editora sofre intervenção das forças militares, sob a alegação de publicar obras de autores considerados subversivos. O próprio Sassi relata que *Geração do Deserto* foi considerado um livro *comunizante pela imprensa reacionária*⁸³.

De acordo com a proposta estabelecida para a leitura, essa inicia-se enfocando alguns aspectos paratextuais do romance. O título remete a uma expressão bíblica, referente à expiação do povo judeu no deserto. Em decorrência, a narrativa estabelece uma analogia entre a história do povo do Contestado na demanda por terras e a saga do povo judeu na demanda pela Terra Prometida. Esse liame é simbolizado por um fragmento do quarto livro de Moisés, *Números*, que serve de epígrafe ao texto de Sassi:

*Porém, quanto a vós, os vossos cadáveres cairão neste deserto.
E vossos filhos pastorearão neste deserto quarenta anos, e levarão
sobre si as suas infidelidades, até que os vossos cadáveres se
consumam neste deserto.*⁸⁴

A analogia temática entre a saga dos personagens de *Geração do Deserto* no sertão catarinense e a peregrinação dos hebreus no deserto do Sinai é prenunciada pelo título e confirmada pela epígrafe, conforme foi

⁸³ SOARES, Iaponan e MIGUEL, Salim (org.). *Guido Wilmar Sassi - Literatura e Cidadania*, p. 147.

⁸⁴ SASSI, Guido Wilmar. Op. cit. p. 04.

destacado anteriormente, e explicitada em algumas passagens do romance, como na fala do personagem Elias, líder dos revoltosos, após a morte do monge José Maria, que preconiza a continuação da *Guerra Santa*:

*Nós somos a geração do deserto! Como a nação dos judeus nós estamos neste deserto, em busca da Terra Prometida. Faz quase quatro anos que nós declaramos a Guerra Santa e estamos lutando para conquistar a nossa terra. (...) Mas a Guerra Santa tem que continuar, porque nós somos a geração do deserto, os que devem ser sacrificados. A nossa geração tem que vencer esta guerra, nem que todos tenham que morrer. No tempo de Moisés, ele também guiou o povo pelo deserto, e toda a geração velha morreu. Mas os que nasceram no deserto chegaram à Terra de Canaã, prometida por Deus. São José Maria também prometeu que o nosso povo ia ter uma terra. Este Contestado é um país enorme, do qual todos terão seu pedaço(...).*⁸⁵

Assim, há pontos que se identificam entre a narrativa de Sassi e o episódio bíblico do êxodo dos judeus. Enquanto a travessia dos judeus pelo deserto de Sinai dura quarenta anos, a luta dos sertanejos do Contestado desenvolve-se em quatro anos; os judeus necessitam da liderança e orientação de Moisés, os caboclos encontram seu guia em José Maria; e da mesma forma que na Bíblia a busca concentra-se na terra prometida por Deus para aquele contingente, no romance a população da região do conflito também está à procura de terra nesse *país enorme*⁸⁶ que é o Contestado.

A narrativa de *Geração do Deserto* processa-se em quatro unidades - *Irani, Taquaruçu, Caraguatá e Santa Maria* - locais ficcionais que correspondem às localidades onde se formam os principais redutos dos caboclos e onde ocorrem os grandes confrontos. Essas quatro unidades estão divididas em pequenos blocos narrativos apenas numerados, sendo a primeira unidade distribuída em treze partes, a segunda e a terceira em dez cada uma, e a quarta, a mais longa, em quarenta partes.

⁸⁵ Idem, *ibidem*, p. 119.

⁸⁶ Idem, *ibidem*, p. 119.

A história ficcional concentra-se no interior de Santa Catarina, na região na qual se desenvolvem os combates da Guerra do Contestado. O espaço físico onde ocorreram as grandes batalhas é o fio coordenador da narração, que se processa, como foi assinalado anteriormente, nas localidades *Irani*, *Taquaraçu*, *Caraguatá* e *Santa Maria*. O percurso temporal da ficção cobre um período de quatro anos, em consonância com a duração real do conflito: do primeiro agrupamento dos caboclos revoltosos em *Irani*, à sua última concentração em *Santa Maria*, local do derradeiro confronto. Sassi ficcionaliza o episódio histórico com bastante verossimilhança no que diz respeito ao espaço físico e ao tempo referencial.

A narração em terceira pessoa aproxima esse romance da forma tradicional do romance histórico, cronológica e linear, na observância da seqüência temporal e espacial dos acontecimentos históricos. A narrativa inicia com as lembranças do narrador e da população em relação ao monge José Maria e termina com a derrota dos caboclos e sua dispersão depois da última concentração dos revoltosos.

O narrador se identifica com os revoltosos, ao assumir a ideologia do grupo. Ora desempenha o papel de corifeu de um grupo injustiçado socialmente:

*Só mesmo São João Maria de Agostinho para dar um jeito nas coisas e endireitar a vida do povo. Somente ele!*⁸⁷

Ora assume o discurso da memória coletiva, ao celebrar a vitória dos *jagunços* no primeiro enfrentamento com as *malditas forças do Governo*:

Vitória! As malditas forças do Governo tinham sido vencidas, os soldados mortos ou em fuga. Morto estava o próprio comandante das tropas. Vitória, sim, mas a que preço! Morto estava José Maria e com ele mais quinze jagunços. Grande era o número de feridos, e as

⁸⁷ Idem, ibidem, p. 07.

*lamentações e o choro das mulheres faziam coro com os gritos de dor. E o monge não estava mais ali para curá-los!*⁸⁸

Em outros episódios, o narrador, ao descrever os sentimentos dos personagens, finda por identificar-se ideologicamente com eles a ponto de incorporar ao seu discurso a fala de alguns deles, servindo de ilustração o exemplo abaixo:

*Contudo, um pouco temeroso, Gegé aguentava as provocações do outro, sem coragem de enfrentá-lo. Mas o acerto de contas um dia teria seu lugar e vez. **Se teria!***⁸⁹

O romance não possui personagem central, mas a história recobre diversos *atores*, alguns puramente ficcionais e outros de caráter histórico. Os primeiros serão denominados aqui apenas de personagens e os outros de figuras históricas. Essa ausência de personagem principal caracteriza a preponderância do coletivo sobre o individual, recurso narrativo utilizado em romances do neo-realismo português, sendo *Gaibéus*, de Alves Redol, um bom exemplo dessa técnica; em romances de autores norte-americanos da “geração perdida”, como *Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, ainda que nessa narrativa a presença do coletivo ocorra em grau menor; e em alguns romances brasileiros, como *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no qual o retirante Fabiano e sua família emblematizam os sofrimentos de todo o grupo humano de assolados pela seca e explorados pelos senhores das terras. Esse romance brasileiro alinha-se à produção regionalista da geração de trinta, na qual alguns críticos incluem a ficção de Sassi.

Ao analisar o romance brasileiro dos anos trinta, Antonio Candido aponta entre as características do período a preponderância do *problema*

⁸⁸ Idem, *ibidem*, p. 48.

⁸⁹ Idem, *ibidem*, p. 82. O grifo é meu.

sobre o *personagem*⁹⁰, o que é possível identificar também em *Geração do Deserto*. Nele o problema social da região e a conseqüente deflagração do conflito, não a história de um ou mais personagens, formam o núcleo central da narrativa. Para Alfredo Bosi, Sassi faz parte de um grupo de autores que tenta manter vivo o romance regionalista pela ênfase no *exótico* e no *típico*, motivo pelo qual considera esse regionalismo tardio e *menor*⁹¹. Essa classificação de exótico e típico será objeto de algumas reflexões na última unidade desta dissertação.

A presença do personagem coletivo e da saga de um povo em busca de terras evidencia-se no início da obra. A narrativa abre-se, como já foi assinalado anteriormente, com o narrador comandando um grupo vocal de falas não identificadas, capazes de contextualizar o leitor em relação à história a ser narrada, cabendo a essas falas similar função daquela desempenhada pelo coro na tragédia grega. Na seqüência narrativa, são apresentados primeiro, entre *a pobre gente do sertão*, os personagens históricos Juca Tavares, *exaltado e bem falante*; Elias de Moraes, *comerciante*; Aleixo Gonçalves, *fazendeiro e político de prestígio*; Dom Rocha Alves, *fazendeiro muito estimado pelos caboclos*; e Bonifácio Papudo, *caudilho*. Todos esses personagens têm sua vivência comprovada na historiografia desse acontecimento⁹². Os personagens ficcionais começam a ser identificados na terceira subunidade, precedidos pelo violeiro cego, Tavinho, *que acreditava nos poderes do monge*. Esse personagem, presentificado em vários episódios da narrativa, lembra a figura do violeiro componente da clássica fotografia de um grupo dos revoltosos, muitas vezes escolhida para servir de emblema dos sertanejos do Contestado⁹³. Vale lembrar que essa foto é utilizada na contracapa de *O*

⁹⁰ Candido, Antonio. *Literatura e Sociedade*, p. 123.

⁹¹ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, pp 481-483.

⁹² Ver os textos de Maurício Vinhas de Queiroz, Maria Isaura Pereira Queiroz e Oswaldo Cabral.

⁹³ Fala-se aqui, em particular, do livro *O Contestado*, editado pelo Governo de Santa Catarina.

Bruxo do Contestado.

Da leitura do romance depreende-se que, além do viés místico, *Geração do Deserto* possui uma forte conotação social, caracterizada na luta pela terra. A questão agrária, talvez por ser um dos problemas sociais mais antigos do país, está presente em diversas obras regionalistas brasileiras entre as quais situa-se o texto de Sassi.

Em *Geração do Deserto*, a narrativa se desenvolve em torno de várias temáticas sociais, destacando-se a questão da terra e do misticismo. Esses são os dois pilares que motivam as ações dos personagens. A organização social e as desigualdades econômicas da região do conflito, representadas pelo domínio dos coronéis e pela entrada de capital externo, levam os excluídos à luta armada. Por outro lado, o misticismo, na figura do monge José Maria, é o elemento cronológico primeiro, capaz de aglutinar o contingente de revoltosos. Nesse ponto, o plano ficcional sintoniza-se com a análise sociológica desse conflito, elaborada por Maria Isaura Pereira Queiroz, que aborda o messianismo como o elemento possível de organização e revolta daquela população. Já em relação à questão da terra, a narrativa de Sassi ampara-se na maioria dos textos de *reconstrução historiográfica*, em especial o trabalho de Maurício Vinhas de Queiroz, apontando o caráter decisivo que o problema agrário tem para a existência da guerra.

Após essa apresentação, passa-se a processar a leitura do romance de acordo com o primeiro horizonte proposto por Jameson, referido nas considerações iniciais, que compreende a *crônica dos acontecimentos*, aqui entendida como a forma de presentificação dos acontecimentos históricos do Contestado na ficção de Sassi. Por diversos modos, *Geração do Deserto* aproxima-se do romance histórico tradicional, conforme já foi assinalado anteriormente, harmonizando o desenvolvimento temporal e a ordem espacial da ficção aos acontecimentos históricos. A narração dos fatos

ficcionais assemelha-se ao referencial histórico, sendo o narrar linear, sem grandes saltos temporais e espaciais, de acordo com a forma tradicional do romance histórico. Essa estrutura narrativa reforça o caráter de verossimilhança do romance com os acontecimentos da Guerra do Contestado, sob a ótica dos textos de reconstrução historiográfica.

Ao privilegiar algumas figuras históricas, *Geração do Deserto* estreita sua ligação com o referencial histórico, ainda que optando por focar apenas um dos lados do conflito, a face dos revoltosos. Os personagens atuam em diversas histórias paralelas entre si, que urdem na ficção a saga desse contingente humano marginalizado, reunido no movimento da Guerra do Contestado.

As histórias desses personagens apresentam as características da organização sócio-religiosa do grupo e do sistema social em que estão inseridos. É através dessas marcas que o narrador aponta algumas motivações para o conflito. Uma delas é a expropriação dos caboclos das terras: *Mané Rengo resistiu, quando a Companhia Colonizadora quis tomar-lhes as terras. Apanhou feio. (...) Mas ele era um só, e desarmado*⁹⁴. Já a instalação de uma empresa madeireira de capital multinacional representa o avanço do capitalismo e determina na ficção o ingresso no grupo rebelde de outro personagem, Gasparino Melo: *Ele derrubava uma árvore, enquanto a Lumber, no mesmo espaço de tempo, derrubava cem; o engenho dele, movido a água, desdobrava uma dúzia de tábuas por dia; Quantas desdobrava a Lumber? Quantas e quantas*⁹⁵? O abuso do poder dos coronéis impulsiona a participação de alguns elementos na revolta, como no caso de Delminda, motivada pela violência sofrida por sua filha: *Nada a prendia ao ranchinho onde morava, a não ser a sepultura da filha. Natalina se matara (...) depois de haver sido desonrada pelos filhos do*

⁹⁴ SASSI, Guido Wilmar. Op. cit. p. 18.

⁹⁵ Idem, ibidem, p. 121

*coronel Ananias. (...) Delminda sabia ser inútil pedir reparação ao mal que lhe causaram à filha . Coronel viera ao mundo para aquilo mesmo, desonrar as mulheres e mandar surrar, castrar ou matar os homens.*⁹⁶

Assim, cada uma das histórias que compõem a ficção é emblemática das múltiplas razões que determinam a constituição dos redutos dos caboclos.

Dessa maneira, o autor se posiciona ideologicamente, ao assumir na ficção os aspectos sociais e econômicos que a reconstrução historiográfica do acontecimento, em sua maioria, registra como os principais elementos motivadores do conflito. Comprova-se, pelo exposto anteriormente, que os problemas sociais e econômicos dessa região são presentificados na narração ficcional através das histórias dos personagens, que emblematizam a formação dos revoltosos representados no romance.

Dentro do segundo horizonte da leitura textual proposto por Jameson, busca-se detectar como está representado na ficção o *discurso antagônico das classes sociais*. Nesse horizonte, Jameson usa o conceito desenvolvido por Bakhtin sobre o discurso das classes que é essencialmente dialógico em sua estrutura: *no diálogo da luta de classes, dois discursos opostos lutam dentro da unidade geral de um código compartilhado*⁹⁷.

De início, verifica-se que a classe social dominante, opositora aos camponeses do Contestado, não tem presença direta na narrativa, mas apresenta-se de forma oblíqua, através de referências do narrador e das falas dos personagens. Porém, em todo o romance existe uma tensão permanente entre os dois grupos sociais, um formado pelos excluídos do processo produtivo e o outro composto pelos senhores dos meios de produção e do poder político. A luta armada entre esses dois grupos pode ser identificada como uma luta de classes, uma vez que na narrativa de

⁹⁶ Idem, *ibidem*, p. 18.

⁹⁷ JAMESON, Fredric. *op. cit.* p. 77.

Sassi, como já foi visto anteriormente, os problemas socioeconômicos estão no cerne da motivação dessa revolta. O narrador, no seu discurso e na fala dos personagens, expõe esse antagonismo a partir do ponto de vista dos revoltosos. A classe opressora é representada na narrativa por vários segmentos socioeconômicos. A exploração econômica é simbolizada pela presença das empresas Brasil Railway Company e Companhia Colonizadora. Esse último fator comprova-se na fala do personagem Delminda:

*Os dois morreram quando a Companhia foi tomar a terra deles. Não quiseram sair, e por isso morreram. Só o rapaz escapou, assim mesmo, muito machucado, com uma bala no peito*⁹⁸.

O primeiro fator é explicitado no início do romance, quando o narrador expõe alguns dos motivos pelos quais os sertanejos esperam o retorno do monge João Maria:

*Também necessitavam dele os que haviam sido expulsos das suas terras, quando foi iniciada a construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Causava espanto, principalmente, a enorme concessão de terras que o Governo fizera à Companhia*⁹⁹

O sistema do coronelismo é simbolizado pelo Coronel Chiquinho de Albuquerque, numa referência à figura histórica de Francisco Ferreira de Alburquerque, chefe político e fazendeiro na região, na época do conflito. Ele representa o poder exercido pelos donos de terras no interior de Santa Catarina, em cujas glebas estão agregados os camponeses pobres, poder esse mantido por um grupo de homens armados:

Os homens do Coronel Chiquinho mostravam-se os mais ferozes na perseguição dos jagunços, e o ódio destes, contra a vila de

⁹⁸ SASSI, Guido Wilmar. Op. cit. p. 27.

⁹⁹ Idem, ibidem, p. 13.

*Curitibanos, onde morava seu maior inimigo aumentava mais e mais.*¹⁰⁰

Assim, os grupos sociais antagônicos aos sertanejos, ainda que não tenham voz ativa no romance, estão presentes na opressão motivadora do conflito. A própria estrutura do romance, ao condicionar sua ação narrativa em torno do episódio bélico, já manifesta a presença do embate entre classes sociais antagônicas, uma delas ausente da ação, mas presente na temática e na fala dos personagens.

Observando as etapas propostas para a leitura, fazem-se agora algumas correspondências com o terceiro horizonte, denominado por Jameson de *ideologia da forma*. A busca, nesse momento, está centrada na visão de mundo expressa no romance de Sassi, compreendendo a ideologia manifesta no conteúdo e na estrutura narrativa da obra. Como já foi dito, *Geração do Deserto* representa na ficção apenas um dos grupos envolvidos na Guerra do Contestado, privilegiando a visão dos revoltosos. Essa escolha propicia ao narrador assumir a posição ideológica desse contingente humano e, a partir dele, apresentar os motivos e os desdobramentos do conflito armado. É possível depreender pela ficção o componente básico do conflito, ou seja, a existência de um sistema baseado na desigualdade social, que propicia a exclusão de boa parcela dos habitantes dessa região da justa retribuição pelo trabalho e da participação política.

No romance, o messianismo é representado pelo personagem histórico José Maria, o terceiro monge, responsável pela aglutinação do grupo rebelde e pela organização da luta contra o poderio das instituições políticas e sociais vigentes à época do conflito. José Maria está presente apenas na primeira das quatro unidades do romance, *Irani*, mas é sempre

¹⁰⁰ Idem, *ibidem*, p. 38.

mantido na memória dos personagens:

*A sua gente o respeitava, chegava mesmo a venerá-lo; restava provar-lhe ainda a lealdade e a valentia. Para isso, porém, o monge necessitava de armas. Era armar o seu povo, o quanto antes e da melhor maneira possível. (...) Diariamente José Maria passou a instruir seus homens, ensinando-lhes a marchar e a manejar as armas.*¹⁰¹

Dessa maneira, *Geração do Deserto* apresenta a visão de que o conflito do Contestado é motivado por várias questões sociais, destacando o messianismo como o meio encontrado de organizar o grupo e, em consequência, responsável pela deflagração da luta. Os “inimigos” dos sertanejos estão presentes através de tipos representativos de classe ou dos sistemas sociais. Assim, as empresas Brazil Railway Company e Companhia Colonizadora simbolizam o avanço do sistema capitalista multinacional na região; o Coronel Chiquinho, o modelo coronelista; e as forças militares, o poder político. Ao presentificar na ficção esses emblemas da ordem dominante, o narrador identifica os oponentes dos sertanejos. Por outro lado, no discurso do narrador verifica-se um comprometimento com a posição dos revoltosos, chegando em alguns momentos a declarar essa postura: *Era preciso dar uma lição aos peludos. Eles se tornavam dia-a-dia mais afoitos, mais corajosos, fazendo pressão ao norte de Santa Maria, impedindo que por ali os jagunços se comunicassem com os outros redutos e se reabastecessem*¹⁰². Depreende-se, assim, uma posição ideológica clara do narrador, que se posiciona ao lado dos sertanejos retratados no romance.

Portanto, é possível observar na narrativa de Sassi a preocupação com as desigualdades sociais do país, da qual decorre a alusão que o autor faz sobre a consideração de seu romance como uma obra *comunizante*. Há

¹⁰¹ SASSI, Guido Wilmar. Op. cit. pp. 23-24.

¹⁰² Idem, ibidem, p. 118.

vários elementos em *Geração do Deserto* que podem ser lidos a partir de um visão de mundo próxima à ideologia marxista. Ou seja, a Guerra do Contestado transforma-se no momento em que um grupo social tenta modificar a estrutura econômica e política através das armas. A estrutura narrativa, próxima tanto da estética realista do século XIX como do projeto do neo-realismo do século XX, possibilita a representação de um discurso coletivo, com evidente conotação social. O posicionamento do narrador e a centralização do foco narrativo no acontecimento histórico reforçam o caráter de engajamento e de denúncia social do romance de Sassi.

Evidencia-se, desse modo, em *Geração do Deserto* um alinhamento ideológico presente em outras obras ficcionais do mesmo período, como os romances de caráter social do regionalismo. É possível, também, aproximar o romance aos textos não ficcionais que apresentam um ponto de vista sociológico, em especial às análises da história social do país, centrado na procura das raízes dos problemas brasileiros em antigas características da sociedade, como a concentração de terras e de renda nas mãos de poucos privilegiados. Essa é uma característica marcante de um período do modernismo brasileiro, o romance regionalista surgido a partir da década de trinta.

O Bruxo do Contestado

O Bruxo do Contestado, o segundo romance de Godofredo de Oliveira Neto, é publicado em 1994 num contexto sócio-político bem diferenciado da época em que Sassi publica *Geração do Deserto*. O país tinha passado por um processo de redemocratização política, liberdade de expressão e valorização dos direitos civis. No campo da literatura, a pós-

modernidade, apesar de o conceito ainda estar em debate, reflete-se na adoção de novos procedimentos e novas técnicas narrativas, como a descontinuidade, a fragmentação da história e a aproximação entre a alta e a baixa cultura. No romance, gêneros pouco valorizados pela crítica no modernismo, como o romance policial, o romance histórico e a ficção científica, são recuperados, mesmo que esse resgate se processe de forma a desconstruir os cânones.

O título do romance, *O Bruxo do Contestado*, demonstra uma conotação mística, ligada à religiosidade popular e não à tradição judaico-cristã. Ao contrário de *Geração do Deserto*, o título do romance apresenta um caráter individual na referência ao personagem central que filtra a temática do Contestado.

Na abertura do livro, o autor utiliza três epígrafes de espécies literárias diversas. A primeira epígrafe, retirada de uma correspondência de Freud a Romain Rolland, trata da ambivalência do ser humano e rejeita a teoria de Carl Gustav Jung, que classifica as pessoas em *introvertido* e *extrovertido*, pois *as pessoas podem ser ambas as coisas ao mesmo tempo*. A segunda epígrafe é um fragmento do romance *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, também abordando a ambivalência, pois, *num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata?* A última epígrafe reproduz um trecho do poema *Navio Negroiro*, de Castro Alves, com imagens paradoxais - *um sonho dantesco e horrendos a dançar* - que expressam a ambivalência do homem quando submetido a um tratamento subumano, como o dispensado aos escravos embarcados da África para o Brasil. De certa forma, essa ambivalência está presente no romance, que mescla estratégias narrativas e apresenta dupla ação diegética e duplo tempo narrativo. É possível também relacionar a ambivalência contida nas epígrafes ao personagem central de *O Bruxo do Contestado*, que na

narrativa encontra-se no limiar entre sanidade e loucura e dividido entre o presente e o passado.

O romance *O Bruxo do Contestado* compõe-se de duas narrativas, diferenciadas no tempo e no espaço, grafadas de formas diferentes, a primeira em itálico e a segunda em estilo normal. Antecedem as duas narrativas, uma nota anônima dirigida aos leitores, identificando a primeira narrativa, escrita a lápis, *em folhas de papel, com o logotipo de um hotel da capital paulista*, e a outra, um caderno *escrito com caneta-tinreiro azul*, ambas encontradas *num palacete em demolição em São Paulo, no início da década de 80*. Esclarece, ainda, essa nota que a casa pertencia à família Jonhasky, *proprietária de uma rede de lojas comerciais*, cuja descendente, Tecla, *que residiu vários anos em Nova York, onde morreu de leucemia com cinquenta e um anos*¹⁰³, narra as duas histórias. O recurso narrativo de introduzir o romance com uma nota informando que os manuscritos foram encontrados em algum lugar, recorrente no período do romantismo, é resgatado pela pós-modernidade.

A primeira das duas narrativas, em forma de diário, configura-se em sete partes pequenas, narradas em primeira pessoa. A primeira parte é localizada em São Paulo, no *Hotel do Levante*, e datada de *20 de janeiro de 1981*; e nas outras seis partes a referência espacial é apenas *Hotel*, recobrando o período de 21 a 26 do mesmo mês e ano. Nessa narrativa, o personagem-narrador, Tecla, fala de sua trajetória política, amorosa e profissional. São freqüentes as menções a pessoas pertencentes ao cenário histórico nacional e internacional, como Oswaldo Aranha, Gustavo Capanema, Getúlio Vargas e Frida Kahlo. Ou as referências literárias a Guimarães Rosa e Jorge Amado, entre outras; as citações de romances, em destaque o personagem Paulo Honório, de *São Bernardo*, de filmes como

¹⁰³ OLIVEIRA NETO, Godofredo. Os fragmentos aqui citados foram retirados da citada NOTA AOS LEITORES, p. 09.

Blow Up, e as alusões aos acontecimentos históricos nacionais e internacionais. No diário o personagem-narrador revela estar escrevendo um romance, chamado *O Bruxo do Contestado*, que é a segunda narrativa do texto de Oliveira Neto.

Dividida em trinta capítulos, a narrativa dessa segunda história situa-se numa localidade chamada Alto Diamante, interior de Santa Catarina, parte do território onde se deram os combates da Guerra do Contestado. O espaço ficcional corresponde a uma localidade de idêntico nome, situada no interior do estado catarinense. Porém, os personagens principais são todos ficcionais. A trama central dessa narrativa gira em torno da família Rünnel - Gerd, Juta e Rosa -, agricultores de pequeno porte, descendentes de imigrantes europeus, instalados na zona rural de Alto Diamante. Assim, como os personagens do núcleo da história, a grande maioria dos personagens é formada por descendentes de imigrantes europeus que colonizaram essa região do interior de Santa Catarina.

A história tem como cenário principal a comunidade de Alto Diamante e recobre um período temporal idêntico ao da Segunda Guerra Mundial, portanto três décadas após o conflito do Contestado, mas esse acontecimento exerce importante função na narrativa, ao impulsionar e justificar algumas das ações e dos pensamentos do personagem Gerd Rünnel, que acredita que o *Contestado um dia ia chegar*¹⁰⁴. A ação do romance transcorre em um período de menos de dois anos, os personagens não estão ligados diretamente ao conflito do Contestado e o acontecimento histórico se presentifica no espaço físico da narrativa e na memória dos personagens. A relação de Gerd Rünnel com o conflito inicia-se com suas recordações do engajamento de um primo ao movimento revoltoso, passagem que marcou a infância do personagem: *Durante muito e muito tempo se falou daquela viagem, e os relatos messiânicos sobre a Guerra do*

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*, p.130.

*Contestado impressionaram o menino Gerd.*¹⁰⁵ Assim, durante a narrativa o acontecimento histórico continua exercendo influência sobre o personagem que espera a concretização de uma nova sociedade, a partir da organização dos revoltosos do Contestado que, *para alguns tratava-se de fanáticos, para o menino Gerd eram os que tinham a sorte de ver Deus*¹⁰⁶.

Essa forma de construção narrativa propicia algumas considerações sobre a maneira de representação da referencialidade histórica nesse romance, de acordo com o primeiro horizonte de leitura, a *crônica dos acontecimentos*, adaptado da proposta de Jameson. O resgate de gêneros poucos valorizados pelo modernismo, como o romance histórico, destaca-se entre as características da literatura pós-moderna. Porém, essa recuperação opera uma releitura desse gênero, não observando a tradição moderna do romance histórico. Em *O Bruxo do Contestado* o referencial histórico presentifica-se de forma indireta, diferente do romance histórico tradicional. Dessa maneira, enquanto a narrativa de *Geração do Deserto* tem características mais próximas às de uma crônica, no sentido de registro de fatos em ordem cronológica, no romance de Oliveira Neto os fatos históricos são apresentados de forma descontínua, em momento intercalados na narrativa.

Ao representar o Contestado de forma não descritiva e não linear, o narrador distancia-se da crônica do fato e acentua sua repercussão pela memória, abrindo espaço para a presença de outros eventos e personagens históricos, principalmente os relativos à Segunda Guerra Mundial. Assim, o romance aborda fatos reais, acontecidos em épocas diversas, porém de repercussão simbólica na vida dos personagens e na formação do imaginário coletivo. O primeiro é a Guerra do Contestado, quando a população de “nativos” caboclos rebela-se contra as forças de opressão,

¹⁰⁵ Idem, *ibidem*, p. 22.

¹⁰⁶ Idem, *ibidem*, p. 23.

colocando em risco o início da colonização dessa região pelos descendentes de imigrantes europeus, a grande maioria oriunda das colônias do Rio Grande do Sul. Depois, a Segunda Guerra Mundial trouxe uma série de problemas para os colonos, em especial após o Brasil ter entrado no conflito, quando *não se podia falar alemão. Nem italiano. (...) A região do Diamante era considerada pelo Governo Federal “território brasileiro com tratamento especial pelas Forças Armadas”*¹⁰⁷.

Dessa forma, o romance *O Bruxo do Contestado* representa duas guerras, uma acontecida no passado, naquele espaço geográfico, e a outra no presente da narrativa, porém em local distante, a Europa, mas ambas com repercussões no imaginário dos personagens. As relações entre presente e passado, próximo e distante, levam os personagens a outro conflito, a construção da identidade dessa população, formada por etnias diferentes, em uma terra ocupada há pouco tempo. O personagem Gerd Rünnel é emblemático nesse sentido. Descendente de imigrantes possui uma ligação sentimental muito forte com o Contestado. Porém na concepção do personagem, *no novo reino de paz e justiça do Contestado não vai poder ter índio, não são gente*¹⁰⁸.

Ao situar a história num período posterior ao conflito do Contestado, a narradora trata esse fato através da memória dos personagens. É uma estrutura narrativa bem diferenciada daquela desenvolvida em *Geração do Deserto*, quando a narração acompanha o desenvolvimento da Guerra do Contestado em tempo presente. No romance *O Bruxo do Contestado*, os acontecimentos são narrados de uma forma oblíqua e com poucas referências diretas aos episódios do conflito e às figuras históricas participantes da guerra. A narrativa afasta-se da noção tradicional do romance histórico, geralmente restrito à narração de um fato isolado. Nesse

¹⁰⁷ Idem, ibidem, p. 49.

¹⁰⁸ Idem, ibidem, p. 144.

romance não se presentifica um único acontecimentos histórico, porém constata-se a presença e a importância de dois conflitos históricos, a Guerra do Contestado e a Segunda Guerra Mundial, que servem como referência para o desenvolvimento da ação narrativa.

Os acontecimentos históricos estão em *O Bruxo do Contestado*, a enformar pela memória e pelo imaginário social as ações dos personagens. Ainda que não ocupem papel central ou determinante no desenvolvimento da narrativa, os acontecimentos históricos estão tematizados de maneira forte no romance, como, por exemplo, nessa passagem em que são descritos pensamentos de Gerd Rünnel:

A serra encantada de Taió devia ser como essas que se erguiam diante dos seus olhos! Os monges João e José Maria, conselheiros e milagreiros, estavam lá! Os campos do Irani eram reinos de paz e justiça. Tinha que voltar um dia. Alto Diamante podia ser Taquaruçu. O Contestado ia estar ao alcance de suas mãos¹⁰⁹.

Ou nesse outro trecho sobre as implicações da Segunda Guerra Mundial na região onde se desenvolve a narrativa:

A polícia cadastrava todo mundo. Revistava as casas em busca de armas e folhetos.

Em nome da lei, da ordem e do estado de beligerância, requisitava-se o que as autoridades avaliassem ser indispensável para a manutenção da ameaçada soberania nacional. Currais, pascigos, galinheiros, ovis e pocilgas esvaziavam-se. Bicicletas, jóias, roupas e dinheiro mudavam de mãos caso houvesse necessidade de Estado.¹¹⁰

Passando para o segundo horizonte de leitura, o discurso *antagônico das classes sociais*, observa-se nesse romance uma diferença social entre as duas famílias que norteiam as narrativas. Os Jonhasky e os Rünnel, mesmo que façam parte de uma mesma comunidade e tenham origens étnicas

¹⁰⁹ OLIVEIRA NETO, Godofredo. Op. cit. p. 56.

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 49.

similares, estão em estratos sociais distintos. Pelo diário de Tecla Jonhasky, configurador da primeira narrativa, sabe-se que a família residia tanto em Alto Diamante como no Rio de Janeiro e em São Paulo, e mantinha uma posição social elevada, inclusive com relações próximas ao poder, exemplificadas pelo trecho abaixo:

Meu pai tinha sido proprietário de um imenso apartamento na Praia do Flamengo, no Rio de Janeiro, não muito longe do Palácio do Catete (...) Papai convidava, freqüentemente, membros da Coordenação de Mobilização Econômica, criada por Getúlio logo depois da declaração de guerra ao Eixo e encarregada de regular a distribuição, circulação e consumo de mercadorias básicas. Faziam parte dela pessoas conhecidas como Oswaldo Aranha, Gustavo Capanema, Salgado Filho, Henrique Guilhen, Apolônio Sales, Dutra¹¹¹.

A narradora relata inclusive a participação de seu pai em um episódio marcante da história brasileira, referente aos momentos que antecederam o suicídio de Getúlio Vargas:

Como funcionário da Presidência e próximo de Getúlio, papai entrou várias vezes na sala de reuniões do Palácio quando se realizava a última sessão ministerial do governo Vargas, em agosto de 1954. Poucos dias antes de morrer, disse-me que o ministro da justiça, Tancredo Neves, que escreveria a nota de licenciamento de Getúlio do poder (...).¹¹²

A nota aos leitores, destacada no início desta unidade, informa que o manuscrito de *O Bruxo do Contestado* foi encontrado num casarão em São Paulo, pertencente à família Jonhasky, rica e proprietária de uma rede de lojas comerciais espalhada por diversas cidades do país. Porém, nesse trecho relata-se também que a família entra em decadência econômica, perdendo *tudo com o fim da Segunda Guerra Mundial e com a deposição*

¹¹¹ Idem, ibidem, pp. 14-15.

¹¹² Idem, ibidem, p. 200.

*de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945*¹¹³.

Por outro lado, os Rünnel formam uma família de pequenos agricultores com poucos recursos e lutando pela sobrevivência. No primeiro capítulo da segunda narrativa apresenta-se o casal Rünnel, de origem humilde, sendo Gerd de uma família de marceneiros empregados de madeireiras e Juta pertencente a uma *família pobre, com o pai peão numa fazenda e a mãe empregada doméstica*¹¹⁴. A relação entre as famílias Rünnel e Jonhasky evidencia-se no final da narrativa, depois que Juta deixa o marido e torna-se empregada da outra família: *Juta tinha aceitado trabalhar nos Jonhasky, que já a conheciam, principalmente por sua habilidade culinária*¹¹⁵.

Assim, é possível depreender a existência de representantes de classes sociais diferentes, uma família burguesa e outra campesina. Mesmo que não ocorra um confronto direto na narrativa entre os dois lados, a relação social que se estabelece entre a narradora/autora Tecla Jonhasky e os Rünnel é de patrão-empregado, antagônica em seu princípio. Tecla apropria-se da história de Gerd e de sua família e acrescenta a essa história a sua experiência de vida na região do interior de Santa Catarina, para escrever o romance, conforme informações contidas no seu diário:

Conheci os Rünnel na nossa casa de Diamante, no sul do Brasil, quando eu tinha uns doze anos. Ia acesa a Segunda Grande Guerra. (Diamante, cerca da região do Contestado, no oeste de Santa Catarina e do Paraná, viveu as tensões da guerra, mas, sobretudo, jamais esqueceu a imagem do messianismo tocado à base de paixão violenta e sangue abundante. que marcou toda aquela área do Brasil. (...)) Foi nesse contexto que os Rünnel - Rosa, Juta e Gerd - me invadiram.

*O segredo e o enigma de Rosa, as visões do reino de justiça de Gerd e a apreensão da realidade de Juta me fascinaram para sempre*¹¹⁶.

¹¹³ Idem, ibidem, p. 09.

¹¹⁴ Idem, ibidem, p. 23.

¹¹⁵ Idem, ibidem, p. 154.

¹¹⁶ Idem, ibidem, p. 14.

Numa das histórias paralelas da segunda narrativa do romance, o narrador enfoca a participação de três personagens, Dieter Heinzen, Arcângelo Bonatti e Elsa Bonatti, no Grupo de Defesa da Democracia (GDD), uma associação atuante em Alto Diamante, destinada a discutir idéias políticas de posição esquerdista. Em alguns trechos da narrativa, os debates efetuados no GDD avaliam a Guerra do Contestado como um conflito social de classes, que se propunha mudar o modelo socioeconômico da região, como nessa análise que Elsa faz da revolta:

*Mas, disse ela, a falta de terras para o plantio era crucial. 'Um dos militares do exército brasileiro na Guerra do Contestado, o capitão Matos Costa, comandante do 16º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria, elaborou um documento em que começa dizendo que a Revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados nas suas terras, nos seus direitos e na sua segurança.' Essas palavras são dele mesmo.*¹¹⁷

As discussões do GDD procuram, em alguns momentos, fazer ligações entre o Contestado e movimentos operários internacionais:

*Elsa interrompeu a leitura e disse possuir documentos comprovando a troca de correspondência entre líderes sindicais da Inglaterra e da Rússia e seus emissores da Guerra do Contestado. Esses embaixadores do movimento revolucionário mundial acompanhavam de perto o desenrolar do conflito e mantinham contato freqüente com líderes dos caboclos e com intelectuais e políticos de Curitiba.*¹¹⁸

Assim, a presença do GDD na narrativa evidencia uma preocupação do narrador em apresentar subsídios para o entendimento das causas da Guerra do Contestado. Essas passagens em que o grupo está no centro da narrativa servem também para a apresentação de alguns fatos cronológicos

¹¹⁷ Idem, ibidem, p. 167.

¹¹⁸ Idem, ibidem, p. 121.

sobre o conflito.

Por outro lado, pelo discurso de alguns personagens - principalmente de Frau Bertha Heizen, mãe de Dieter, e de Tadeu Jonhasky, pai de Tecla - são apresentadas outras visões ideológicas sobre o conflito do Contestado. Frau Bertha, por exemplo, expõe sua avaliação do Contestado nesse diálogo com Gerd Rünnel:

*Agora vê! Os bandoleiros estavam organizados (...) Atacaram Canoinhas, Caçador virou um inferno, puseram fogo nos cartórios, nas serrarias, nas estações de estrada de ferro, saqueavam tudo. Tinham uma organização militar, estratégias de luta, recrutavam pessoas, como poderi ser só raiva? Com raiva não se tem organização! Era um movimento mais político que messiânico.*¹¹⁹

Já o patriarca da família Jonhasky defende o uso da força para a repressão de movimentos de caráter socialista:

*Esse negócio de movimento de povo é um equívoco. Tem que usar a força para impedir vagabundagem. Como foi feito no Contestado vinte e seis anos atrás (...) Um dinheirão perdido. Tiveram que ser convocados mais de sete mil homens, tudo com dinheiro do povo, por conta de um bando de vagabundos atrapalhando o progresso daquelas terras feracíssimas. (...) tem que acabar com experiências coletivas que entravam o progresso, como a do Contestado.*¹²⁰

Seguindo o modelo de leitura, passa-se agora ao terceiro horizonte proposto por Jameson, ou seja, a *ideologia* presente no romance de Godofredo de Oliveira Neto. Em primeiro lugar, a fragmentação da narrativa propicia a multiplicidade dos focos narrativos, sendo que a Guerra do Contestado é apenas um dos acontecimentos históricos presentificados pela narração. *O Bruxo do Contestado*, ao contrário do romance anterior, centra-se em mais de uma história, configurando diversas vozes narrativas.

¹¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 161.

¹²⁰ Idem, *ibidem*, p.159.

A categoria capaz de unir essas vozes é o espaço geográfico da ficção, que possibilita a aglutinação dos personagens nesse elemento comum a todos.

No romance valorizam-se mais as experiências subjetivas que as coletivas, ou seja, a narrativa parte da compreensão individual dos personagens para questões universais. Ao contrário de *Geração do Deserto*, em que posicionamento ideológico é bem mais evidente, a narrativa de Oliveira Neto constitui-se na conjugação de fatos isolados para a compreensão de um todo, e não em uma narrativa fechada e com posição política definida. Isso não quer dizer que a narrativa de Sassi apresente um teor ideológico mais marcante do que a narrativa de Oliveira Neto, mas que a forma de expressar a visão de mundo nesses romances é diferenciada.

Em *O Bruxo do Contestado*, ainda que a posição sócio-política não seja tão evidente na narrativa, alguns elementos remetem diretamente à preocupação com as desigualdades sociais. Entre os mais emblemáticos, estão os momentos em que o foco narrativo incide sobre o Grupo de Defesa da Democracia, de clara tendência socialista: *A teologia de Münzer figurou, assim, ao lado de Marx, Engels, Kautsky e Jaurès nos seminários previstos nos folhetos do GDD distribuídos na cidade*¹²¹. Ou em alguns trechos da narrativa do diário de Tecla relatando suas experiências junto a grupos esquerdistas e fazendo referência ao regime militar brasileiro: *Pertenci, no final dos anos sessenta, a uma organização trokista que agia principalmente em São Paulo. Fui mandada para o Rio de Janeiro a fim de pôr em prática uma nova estratégia política. (...) Denunciavam práticas do governo militar - da corrupção à tortura - e tentavam conscientizar as pessoas com textos leves e engraçados*¹²².

Uma leitura possível desse romance repousa na busca de uma identidade comum a todos os elementos participantes da sociedade

¹²¹ Idem, ibidem, p. 43.

¹²² Idem, ibidem, p. 14.

retratada. Como a grande maioria dos personagens é constituída de descendentes de imigrantes europeus de nacionalidades diversas, surge a imperiosa necessidade de firmar os vínculos que ligam essas pessoas ao espaço físico que ora habitam e solidificá-los pela construção de uma história própria, ou, conforme pensamento do personagem Frau Bertha, *era importante que alemães e italianos se unissem na construção de um país forte*¹²³.

Dessa maneira, a Guerra do Contestado é uma espécie de elo comum que sustenta o imaginário épico da população. A questão fica mais clara em decorrência do período em que é narrado o romance, a Segunda Guerra Mundial. O governo brasileiro declara guerra aos países do Eixo - Alemanha e Itália - e os descendentes de alemães e italianos, a maioria dos colonizadores, sofrem as conseqüências de várias medidas de repressão, como a proibição do ensino de suas línguas maternas e do seu uso no dia-a-dia.

*A guerra comovia e envolvia a população civil. Muitos alemães e italianos passaram a ser hostilizados, e as autoridades estaduais aplicavam com rigor extremado as ordens do Rio de Janeiro. Alguns alemães, suspeitos de serem simpatizantes do nazismo, eram obrigados a carregar nas costas, pelas principais ruas da cidade, bonecos que representavam Hitler*¹²⁴.

É interessante observar a escolha efetuada pelo autor de representar a Guerra do Contestado através de personagens descendentes de imigrantes europeus, uma vez que os textos historiográficos ressaltam que a participação desse contingente no conflito é muito pequena. Um dos poucos integrantes dos revoltosos de origem alemã citados nos livros de reconstrução historiográfica é Henrique Wolland, conhecido pela alcunha

¹²³ Idem, *ibidem*, p. 37

¹²⁴ OLIVEIRA NETO, Godofredo de. *Op. cit.* p. 52.

de *alemãozinho*, que, depois de capturado, torna-se informante das forças militares. O episódio da traição instaura algumas dúvidas entre os estudiosos da Guerra do Contestado sobre o grau de participação desse personagem no conflito. Nesse caso é interessante citar a suspeita levantada por Paulo Ramos Derengoski, num texto que não foi apresentado no capítulo anterior: *A atuação de Henrique Wolland nesta fase do conflito leva a crer que o “Alemão” sempre tinha sido uma espécie de “agente” das forças legais infiltrado entre os fanáticos*¹²⁵.

O romance faz poucas referências aos habitantes “nativos” da região, a exceção de algumas passagens em que são relatados incidentes entre os personagens e os índios, em virtude da atividade de exploração da madeira. Mais uma vez, a narrativa se distancia da verosimilhança com a História do Contestado, ao representar esse acontecimento histórico pelo viés da subjetividade dos personagens.

Assim, é possível verificar nessa narrativa algumas características do romance da pós-modernidade, principalmente a fragmentação, formal e temática, que possibilita a coexistência de diferentes posturas ideológicas. Outros elementos atribuídos à pós-modernidade, a valorização da subjetividade e das identidades minoritárias, estão presentes em *O Bruxo do Contestado*. Dessa forma, evidencia-se no romance uma ideologia que não busca mais aquele discurso totalizador, capaz de abranger toda uma coletividade humana, mas sim o aberto a múltiplas interpretações. Além disso, a narrativa não está centrada nas causas, conseqüências ou detalhes da Guerra do Contestado, porém se situa nas marcas desse acontecimento histórico no imaginário dos personagens.

¹²⁵ DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O Desmoronamento do Mundo Jagunço*. p. 102.

MEDIDAS E PONTUAÇÕES

o remédio contra a sensação e sua dispersão instantânea é a reflexão. Entre uma sensação e outra, entre um instante e outro, a reflexão interpõe uma distância que é também uma ponte: uma medida. Essa distância se chama ritmo; também se chama símbolo e idéia.

Octavio Paz

Inscrita em um arco que vai dos pensadores gregos ao poeta mexicano, a *reflexão* é uma *medida* que distancia e aproxima três momentos - a construção, a reconstrução e a recriação - aqui expressos pela escritura e pela leitura de textos sobre a Guerra do Contestado.

De acordo com o projeto inicial da dissertação, essa última unidade propõe-se a estabelecer uma *ponte* entre as partes da pesquisa, ao efetuar as pontuações necessárias e desenhar algumas reflexões. Entendida a palavra *reflexão* no sentido de debruçar-se sobre o trabalho, para constatar os resultados das leituras e questionar alguns tópicos abordados.

Assim, vai-se a contrapelo, primeiro, ao cotejar os dados de leitura de *Geração do Deserto* e *O Bruxo do Contestado* em seus aspectos

diferenciados de representação ficcional do acontecimento histórico - a Guerra do Contestado - e do imaginário social por ele produzido; segundo, ao enquadrar as narrativas em seus contextos estético-literários; terceiro, ao verificar as correspondências dessas representações na ficção com as etapas de reconstrução historiográfica e construção histórica; e, por último, ao questionar aspectos teóricos, pontuados no decorrer das leituras.

A leitura dos textos - que representam um momento histórico brasileiro pouco conhecido - possibilita uma melhor visibilidade das implicações estéticas da escritura desses romances históricos que relacionam a ficção e a História de formas diferenciadas.

Assim, constata-se nessas narrativas que a apropriação do tema da Guerra do Contestado é efetuada sob duas perspectivas. Na narrativa de Sassi, a representação do acontecido processa-se em um espaço ficcional muito identificado com o espaço referencial onde ocorre a guerra, sendo tal verossimilhança reforçada pela organização seqüencial dos episódios de acordo com a cronologia dos acontecimentos e pela convivência de personagens ficcionais com figuras históricas. Em contrapartida, na narrativa de Oliveira Neto, a Guerra do Contestado presentifica-se pela memória dos personagens e do imaginário de uma comunidade recriada pela ficção, localizada no interior de Santa Catarina, porém na periferia do espaço central das ocorrências históricas. A seqüência temporal da narrativa de *O Bruxo do Contestado* não acompanha a cronologia dos acontecimentos da Guerra do Contestado. Não há participação de figuras históricas no enredo; elas são apenas referenciadas nos discursos do narrador e dos personagens. A maioria dessas figuras históricas surge na narrativa-diário de Tecla Jonhasky, que reproduz personalidades do mundo político e artístico nacional e internacional.

Em ambos os romances observa-se um forte elo entre os personagens e a recriação da região do Contestado, que serve de cenário ao desenrolar

das ações. Esse espaço ficcional assume um duplo caráter simbólico: em Sassi, manifesto na disputa dos “nativos” pela posse das terras em litígio; e em Oliveira Neto, no esforço dos colonos descendentes de europeus pela fixação na terra anteriormente contestada. Verifica-se pela leitura uma mudança ideológica nessa relação entre os personagens e o espaço ficcional. Na narrativa de Sassi, os personagens representam os “nativos” que combatem para permanecer nesse território; enquanto que, na narrativa de Oliveira Neto, os ficcionalizados são os descendentes dos colonos em sua luta pela construção de uma identidade cultural com essa região. É interessante ressaltar que esse contingente foi apontado pela historiografia como responsável indireto pela expulsão dos antigos ocupantes das terras.

Faço aqui um pequeno parêntesis para comentar as diferentes formas de tratar, na historiografia e na ficção sobre a Guerra do Contestado, os colonos de origem européia que imigram para a região do conflito. No primeiro momento de presentificação textual do acontecimento, a *construção histórica*, o processo de colonização é associado à modernização da região, com a chegada de trabalhadores mais qualificados do que os nativos, técnica e culturalmente. Vale lembrar as diferenças apontadas pelo tenente Herculano Assumpção, que, ao sair da região colonial, atesta o agradável convívio *com o colono alemão e seus descendentes, população ordeira, disciplinada inteligente e sumamente prestativa* e, em paralelo, registra a *profunda dôr moral* sentida ao entrar na região serrana, *onde, então, só reinava a anarquia, a miseria, a completa desorganização na vida privada e publica de seus habitantes*¹²⁶. No segundo momento dessa presentificação, a *reconstrução historiográfica*, o processo de colonização é apontado por alguns autores

¹²⁶ d'ASSUMPCÃO, Herculano Teixeira. *A Campanha do Contestado (As Operações da Coluna Sul)*, p.198

como um dos motivos determinantes do conflito¹²⁷. Conforme o estudo de Marli Auras, os colonos são *atraídos pelas propostas da empresa, que já havia varrido da região, de forma sumária e definitiva, todos os posseiros, inclusive aqueles mais reticentes*¹²⁸. De acordo com a leitura dos textos historiográficos, fica constatada a participação pouco expressiva desses colonos no grupo rebelde. Contudo, entre esses colonos destaca-se Henrique Wolland, o *Alemãozinho*, que aparece no reduto de Pinheiros como fotógrafo. E, segundo Maurício Vinhas de Queiroz, *ali ficou*, fazendo valer a sua *experiência* e a sua *autoridade sobre os homens do acampamento*¹²⁹. Wolland aparece na historiografia como um dos possíveis traidores do movimento. No estudo já citado, Marli Auras assinala que a traição trouxe benefícios *às forças militares*, pois o *Alemãozinho* tinha muitas informações sobre a organização dos rebeldes¹³⁰.

Constata-se uma metamorfose na passagem da construção à reconstrução textual da Guerra do Contestado, quando a imagem modelar dos descendentes de imigrantes europeus passa por uma revisão crítica e os colonos são associados à desestruturação da cultura dos sertanejos.

No romance de Oliveira Neto, a presença desse contingente faz-se de maneira diferenciada da construção e da reconstrução textual do Contestado. A narrativa, situada, agora, em um tempo ficcional correspondente ao período da Segunda Guerra Mundial, representa esses colonos em uma outra circunstância de conflito. Com a entrada do Brasil no combate, os descendentes de alemães e italianos são vítimas de repressão e acusados de colaboradores dos países do Eixo. Nessa narrativa, a representação ficcional da nova circunstância ocorre num tempo histórico em que os colonos passam a ser considerados “inimigos” do país e

¹²⁷ Conferir, em especial os estudos de Douglas Teixeira Monteiro e Maurício Vinhas de Queiroz.

¹²⁸ AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla*, p. 43.

¹²⁹ QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social*. p. 155.

¹³⁰ AURAS, Marli. Op. cit. p.130.

enfocados de forma similar àquela dispensada aos rebeldes à época do Contestado.

Fechando o parêntesis, retorno à proposta inicial, agora a partir da mudança no imaginário da Guerra do Contestado, expressa na dupla forma de essas ficções tratarem o acontecimento histórico.

Quando Sassi escreve e publica seu romance, a representação do acontecimento histórico havia passado por um processo de revisão, conforme se verifica na primeira parte do trabalho. É nessa passagem que se consolida o novo discurso, quando o acontecimento passa a ser visto sob outros ângulos, como o da recuperação das vozes silenciadas no discurso histórico oficial. E o romance de Sassi reproduz essa nova postura ao focar a Guerra do Contestado pela perspectiva dos “vencidos”.

Contudo, quando Oliveira Neto escreve e publica *O Bruxo do Contestado*, tal postura já se encontra matizada por outros ângulos de abordagem. E a ficção introduz os descendentes de imigrantes europeus como personagens do conflito, apesar de a historiografia registrar a pouca ou ambígua participação desse contingente na Guerra do Contestado.

A leitura busca, ainda, nessas ficções, visualizar a ideologia sob duas perspectivas: a ideologia no texto e o texto na ideologia. Na primeira, a ideologia é detectada no discurso do narrador e na fala dos personagens. E o texto na ideologia é constatado quando se enquadram as escrituras dos romances nos contextos estético-literários de produção, o que será visto mais adiante.

Na primeira perspectiva, os dois romances expressam posturas ideológicas distintas, conforme se verifica na leitura efetuada. Em *Geração do Deserto*, é possível identificar o engajamento do narrador nas aspirações e as motivações dos rebeldes, contido na representação de um modelo social injusto que se baseia no domínio político e na marginalização imposta ao grupo majoritário. O discurso do narrador emblematisa esse

modelo de segregação social por três fatores político-sociais que simbolizam as razões da participação dos personagens nessa luta: o sistema de coronelismo, as companhias colonizadoras que expropriam as terras dos caboclos, e o avanço do capitalismo moderno e multinacional com a entrada da Lumber. Em contrapartida, no romance *O Bruxo do Contestado*, o narrador não assume uma postura ideológica única, como a observada em *Geração do Deserto*; ao contrário, o seu discurso abre espaço para ideologias conflitantes, manifestas por personagens pertencentes a classes sociais antagônicas. *O Bruxo do Contestado* centra-se em questões individuais de personagens inseridos em realidades sociais diversas; ao passo que *Geração do Deserto* centra-se em questões coletivas representativas de um único grupo social, os sertanejos.

A título de fechamento desse tópico, confirma-se que a Guerra do Contestado é visibilizada com maior verossimilhança na narrativa de Sassi, tanto pela correspondência de espaço e tempo como pelo entrelaçamento de personagens com figuras históricas. Em contrapartida, na narrativa de Oliveira Neto, o acontecimento histórico torna-se visível de forma indireta, filtrado pela memória dos personagens que vivenciam um tempo ficcional posterior ao tempo histórico do conflito.

Quanto ao segundo tópico dessas pontuações, confirmam-se as diferenças de feitura desses romances como resultantes de contextos estético-literários em que estão inseridos, geradores de concepções diversas do romance histórico sobre a Guerra do Contestado: *Geração do Deserto*, na repetência do projeto estético do neo-realismo; e *O Bruxo do Contestado*, na manifestação de uma das vertentes do pós-modernismo. O primeiro, por construir uma narrativa de caráter coletivo, que dá voz aos marginalizados; e o segundo, por estruturar o romance por vozes narrativas diversas e por uma temática que privilegia ângulos diferentes do acontecimento histórico. Apesar de publicado depois da segunda metade do

século XX, é possível identificar em *Geração do Deserto* elementos que o aproximam do romance histórico tradicional do século XIX, como a narração objetiva, centrada no acontecimento histórico, e a presença de um narrador onipresente. Por outro lado, verifica-se em *O Bruxo do Contestado* a vinculação ao modo de narrar contemporâneo, pela fragmentação e pela polifonia.

De maneira geral, pode-se alinhar a narrativa de Sassi a uma vertente da ficção brasileira, o regionalismo, em especial à corrente estética denominada de Movimento Regionalista ou Romance de 30.

Para Antonio Candido, a literatura brasileira após a independência do país tem no regionalismo uma marca, que *percorre a história da nossa literatura, com momentos de maior ou menor relevo e significação*¹³¹. Porém, assinala que a partir da década de trinta, em especial com o romance nordestino, há uma transformação no regionalismo, que de uma visão *paternalista e exótica* passa a ser substituída *por uma posição crítica freqüentemente agressiva, não raro assumindo o ângulo dos espoliados, ao mesmo tempo que alargava o ecúmeno literário por um acentuado realismo no uso do vocabulário e na escolha das situações*¹³².

Ao analisar a trajetória do romance regionalista brasileiro no período de 1857 a 1945, José Maurício Gomes de Almeida também marca o caráter social como uma das principais características do romance de 30 diante da preocupação dos escritores *com o questionamento direto da realidade*¹³³. Para o autor, essa ficção *representa, tanto na técnica como na temática, uma nítida retomada da tradição realista, herdada no século XIX*¹³⁴.

Dessa maneira, pode-se inserir *Geração do Deserto* no movimento regionalista, pois privilegia, conforme assinala Candido, o *ângulo dos*

¹³¹ CANDIDO, Antonio. "A Nova Narrativa", p. 200

¹³² Idem, Ibidem, p. 204.

¹³³ ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro*, p. 176.

¹³⁴ Idem, ibidem, p. 177.

espoliados e uma *posição crítica* em relação ao modelo social brasileiro. Além do caráter social, a narrativa de Sassi apresenta outras características em comum com os romances do regionalismo: a preocupação documental e a retomada da tradição realista.

Na sua *História Concisa da Literatura Brasileira*, Alfredo Bosi enquadra Guido Wilmar Sassi entre os escritores que mantêm vivo o regionalismo da década de 30, mas em *romances que encarnavam um regionalismo menor, amante do típico, do exótico...*¹³⁵.

Se por um lado o romance *Geração do Deserto* se aproxima dessa corrente pelo caráter de denúncia social e de testemunho de uma realidade a ser conscientizada e transformada, por outro lado distancia-se dos epítetos de *menor*, *típico* ou *exótico*. Não creio que quaisquer das narrativas de Sassi possam ser enquadradas na conceituação de Bosi. Considero que a classificação pode ter sido motivada por dois fatores: pela persistência em Sassi de um técnica narrativa aproximada a do realismo de 30 e pelo fato de abordar temas ligados a uma região fora dos principais centros do país.

A narrativa de Oliveira Neto alinha-se à estética pós-moderna por diversas formas, inclusive no modo de tratar os temas históricos. Apesar da polêmica em relação ao termo pós-moderno, ele é assumido nesse trabalho para caracterizar a produção cultural brasileira a partir da década de 60. Nesse período observa-se no romance uma diversidade de técnicas narrativas e de ângulos temáticos.

Segundo Jean-François Lyotard, uma das marcas do pós-moderno está na falência dos grandes discursos legitimadores e totalizadores¹³⁶. No romance *O Bruxo do Contestado* não se constrói um mundo ficcional, centrado em uma única ideologia, pois a narrativa convive com a polifonia discursiva e os antagonismos ideológicos.

¹³⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, p. 481.

¹³⁶ LYOTARD, Jean François. *O Pós-moderno*, pp. 58-59.

Para Linda Hucheton, a ficção pós-moderna, em especial a metaficção historiográfica, privilegia os múltiplos pontos de vista, de forma a revelar o passado, impedindo-o de ser *conclusivo e teleológico*¹³⁷. No romance de Oliveira Neto, a Guerra do Contestado, a Segunda Guerra Mundial e outros acontecimentos históricos são elementos enformadores das ações dos personagens. Ao optar pela focalização de um contingente que não participa do conflito, essa ficção propõe outro modo de olhar a Guerra do Contestado, através da repercussão do acontecimento em uma comunidade e em um tempo ficcional posterior ao acontecido.

Contudo, Martha Tuck Rozett, ao analisar a narrativa histórica na pós-modernidade, ressalta que a historicidade nessa nova ficção é tanto uma matéria de voz, dicção e mentalidade quanto de pesquisa e de descrição de detalhes¹³⁸, características que também podem ser observadas em *O Bruxo do Contestado*.

Ao comparar a ficção brasileira dos anos 70 e 80, Flora Sussekind assinala a preponderância, no primeiro dos dois decanatos, de narrativas de cunho realista, como o romance reportagem, os testemunhos e as confissões. Segundo a autora, o fim da censura na ditadura militar possibilita a adoção de outros modelos literários, como o romance policial, o romance histórico e a ficção-ensaio. Portanto, o romance pós-moderno brasileiro não se enquadra em um projeto estético único, mas, pelo contrário, funda-se justamente na diversidade de estilos e temas. É nesse contexto cultural que ocorre a escritura do romance de Oliveira Neto, que recupera o tema da Guerra do Contestado a partir de uma narrativa centrada no imaginário de uma comunidade.

Em relação ao terceiro tópico proposto aqui, procuram-se as correspondências entre as representações da Guerra do Contestado na

¹³⁷ HUCHETON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*, p. 147.

¹³⁸ ROZETT, Martha Tuck. "Constructing a World: How Postmodern Historical Ficcions Reimagine the Past", p. 162.

ficção com as etapas de reconstrução historiográfica e de construção histórica. Quase toda a produção ficcional que tematiza a Guerra do Contestado está marcada pela revisão na forma de olhar operada pelo reconstrução textual do fato histórico. Ou seja, a visão ideológica nos dois romances aproxima-se daquela efetuada pelos textos historiográficos, quando novas interpretações e novos atores entram em cena, propiciando a reformulação do imaginário social do conflito.

Da mesma maneira, a maioria dos textos ficcionais apresenta um afastamento da imagem da Guerra do Contestado e dos seus participantes, formulada no primeiro momento de representação textual do acontecimento, *a construção histórica*. Porém, observa-se no romance *O Canto do Inhambu*, de Rudney Otto Pfützenreuter, um posicionamento ideológico mais próximo ao exposto no primeiro momento de representação do conflito. Nessa narrativa privilegiam-se os personagens adversários dos revoltosos, evidenciando-se uma posição similar à assumida por Herculano Assumpção e constante nos jornais contemporâneos ao acontecimento. No texto de Pfützenreuter, os sertanejos são tratados como *desorientados e incultos que tornaram-se presas fáceis para religiosos e oportunistas, doutrinantes de um império imaginário contra o sistema legal vigente do qual se diziam vítimas*¹³⁹. Em alguns momentos, identifica-se uma ligação entre a narrativa e as teorias racistas, defendidas no momento de *construção histórica* e estabelecida na dicotomia entre os brancos - europeus, progressistas e superiores - e a população parda - brasileira, atrasada e inferior. Trata-se da mesma postura presente no texto de Aujor Ávila da Luz, calcada na inferioridade biológica e moral dos caboclos.

A análise das características religiosas do movimento, em especial do messianismo, é um dos temas privilegiados nos dois momentos de

¹³⁹ PFÜTZENREUTER, Rudney Otto. *O Canto do Inhambu*, p.51.

representação textual do conflito. Na *construção histórica*, geralmente associa-se a Guerra do Contestado ao fanatismo, em que um grupo de pessoas contamina-se pelas idéias de um líder que o induz à revolta. Por outro lado, nos textos acadêmicos e historiográficos, o messianismo é tratado como um fenômeno social e pontuado como um dos elementos principais para a existência do movimento. Porém, nos estudos de *reconstrução historiográfica* observa-se uma diferença nas considerações sobre o papel da religiosidade e dos monges na deflagração do conflito armado. O trabalho de Maria Isaura Pereira Queiroz, por exemplo, é centrado numa análise do messianismo, que, segundo a autora, propicia a organização do grupo, pois *viver na lei do Monge significava, antes de mais nada, o abandono do modo de vida habitual por outro orientado religiosamente*¹⁴⁰. Em contrapartida, Oswaldo Cabral afirma que a religiosidade isoladamente não pode ser considerada a causa do conflito, *embora persista ainda, com demasiada insistência, a premissa do fanatismo religioso, por entender que a tese é insustentável, desde que recuemos a observação, procurando identificar a procedência e a origem dos fios que tramaram a bandeira da luta, da qual se tem olhado apenas para a cruz que estampava e não para o tecido de que foi feita*¹⁴¹.

Nos romances *Geração do Deserto* e *O Bruxo do Contestado*, o messianismo também se presentifica, no entanto em Sassi as referências são mais constantes do que em Oliveira Neto. A analogia com a passagem bíblica do êxodo dos judeus feita na narrativa de Sassi reforça a presença da religiosidade no romance. Os monges João Maria e José Maria também se presentificam nessa narrativa, o primeiro por referências dos personagens e do narrador e o segundo como personagem do enredo. Na narrativa de Oliveira Neto, as referências ao messianismo são menores e

¹⁴⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *La Guerre Sainte au Brésil: Le Mouvement Messianique du "Contestado"*, p. 267.

¹⁴¹ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *A Campanha do Contestado*, p. 06.

feitas pelos personagens. A imagem referenciada em Oliveira Neto corresponde tanto à imagem presente na *construção histórica* quanto àquela elaborada no momento de *reconstrução historiográfica*. O diálogo entre os personagens Dieter e Ênio, de *O Bruxo do Contestado*, transcrito a seguir, comprova tais referências:

- *Aqueles fiéis, homens e mulheres, era muito fanáticos, Dieter. Não queriam ser mandados pelos coronéis e acabavam sendo pelos religiosos(...).*

- (...) *A religiosidade de José Maria tinha sentido prático no dia-a-dia dos sertanejos e na união frente a uma nova realidade econômica. A Igreja só prometia o céu depois da morte, em vida o caboclo famulento podia ficar no inferno.*¹⁴²

Há uma forte presença dos movimentos de caráter messiânico - Pedra Bonita, Canudos e Contestado, entre outros - no imaginário nacional e, em consequência, na literatura brasileira. É lícito afirmar que a repercussão de Canudos propicia na literatura a recriação da imagem do sertão brasileiro relacionada a um modelo social e cultural em vias de extinção. A diluição desse mundo sertanejo diante da modernização do país e a elitização das culturas urbanas do litoral estão representadas também nos textos literários.

A ficção de *Geração do Deserto* atém-se preponderantemente ao referencial histórico, reconstruído pelos textos acadêmicos e historiográficos. Já a distância maior entre a publicação de *O Bruxo do Contestado* e a ocorrência da Guerra do Contestado possibilita outro tipo de relação entre a ficção e a História, o que resulta em outra forma narrativa, sem a necessidade de observar a cronologia dos acontecimentos. Essa narrativa questiona as visões tradicionais desses acontecimentos ao focar no presente a memória do passado.

Para finalizar este tópico, destaco a representação da Guerra do Contestado como enformadora das narrativas de ambos os romances, ainda

¹⁴² OLIVEIRA NETO, Godofredo. *O Bruxo do Contestado*, pp. 41-42.

que sua presentificação seja elaborada sob duas características diferentes. A estrutura narrativa de *Geração do Deserto* assemelha-se a uma crônica dos acontecimentos, capaz de emprestar a essa ficção o caráter de testemunho. Assim, a narrativa de Sassi apresenta um processo analógico em relação ao conflito e a sua representação na historiografia. Em *O Bruxo do Contestado*, é a memória da Guerra do Contestado que motiva a vivência de uma comunidade. É uma memória já consolidada que permanece no imaginário dos personagens e se configura como um elemento de identificação do grupo representado no romance. Portanto, na narrativa de Oliveira Neto, a recriação da Guerra do Contestado liga-se a um processo simbólico.

Por último, abordo alguns tópicos relacionados aos questionamentos teóricos formulados no decorrer do trabalho, em particular na introdução. Com o processo de reaproximação entre os campos da História e da Literatura, conforme verifica Hayden White¹⁴³, ressalta-se o caráter de construção do discurso histórico ao serem verificados os elementos poéticos que o compõe. Porém, mesmo que se observe essa proximidade, White faz uma diferenciação inicial entre os modos de escritura do historiador e do escritor de ficção:

Os historiadores ocupam-se de eventos que podem ser atribuídos a situações específicas de tempo e espaço, espaços que são (ou foram) em princípio observáveis ou perceptíveis, ao passo que os escritores imaginativos - poetas, romancistas, dramaturgos - se ocupam tanto desses tipos de eventos quanto dos imaginados, hipotéticos ou inventados.¹⁴⁴

Convém destacar que a linguagem expositiva usada nos discursos históricos e historiográficos é referencial, norteadada pela busca da autenticidade dos fatos e submetida a uma possível comprovação do leitor.

¹⁴³ WHITE, Hayden. *Meta-História - A Imaginação Histórica no Século XIX*, pp 56-58.

¹⁴⁴ WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso - Ensaios sobre a Crítica da Cultura*, p. 137.

Já a narrativa ficcional assenta-se em um discurso sem compromisso com o referencial histórico, comprometida apenas com a “ilusão do referencial”.

Ainda que o romance histórico mantenha um certo compromisso de verossimilhança com a referencialidade, permanece o caráter de ficção. A relação da ficção com o referencial muda de forma considerável do romance na passagem do histórico tradicional para o contemporâneo. Enquanto o romance do século XIX observa uma relação bem mais estreita com o referencial histórico, o romance da segunda metade do século XX relaciona-se com a história de maneira menos compromissada com a realidade.

Outra mudança ocorrida entre esses dois paradigmas de romance revela-se no tratamento dos personagens. Para Lukács, os personagens do romance histórico tradicional têm a função de emblemas, *tipos* representativos de classes sociais. Já na pós-modernidade, segundo Linda Hucheton, o romance histórico adota uma ideologia de *pluralidade e reconhecimento da diferença*¹⁴⁵ nos personagens históricos ou puramente ficcionais.

Para finalizar gostaria de fazer algumas considerações de caráter geral sobre o assunto. Mesmo considerando que a oralidade configura o modo primeiro de construir a memória de fatos, lendas e histórias, é inegável que o registro textual, há muito tempo, constitui-se no principal modo de construção e permanência da história.

Se por um lado a transmissão de informações pela oralidade vai transformando a forma e o sentido do narrado com as mudanças de gerações; por outro lado os sucessivos registros textuais também operam sempre uma revisão do que foi comunicado anteriormente. Assim, em todos os momentos de leitura desses registros textuais, torna-se essencial contextualizar o discurso e sua forma de transmissão. Ou seja, todo texto

¹⁴⁵ HUCHETON, Linda. Op. cit, p.153.

traz em si a marca do momento em que foi produzido e, para o leitor, o momento em que é processada a leitura. A memória coletiva sobre qualquer fato constrói-se justamente através da totalidade desses discursos, que operam revisões, rediscussões e muitas releituras. Só se pode entender a “verdade histórica”, como um autor recentemente propaga no título de um livro sobre o Contestado¹⁴⁶, a partir do momento que se compreende não existirem “verdades históricas” e sim construções, ou sejam orais ou sejam textuais.

No início deste trabalho, afirmo que pouca informação sobre a Guerra do Contestado consta da minha educação formal. Constato que, passados mais de vinte anos desse período, a realidade mudou: a revisão histórica iniciada com o que chamo de *reconstrução* despertou o interesse sobre esse acontecimento na sociedade. Atualmente, observam-se a inclusão do tema nos currículos de História das escolas públicas, a criação de grupos de estudo sobre o assunto, o evento em memória ao conflito, e a denominação de uma universidade situada no oeste de Santa Catarina com o nome do conflito.

Em síntese, instaura-se uma nova compreensão, e em decorrência novas leituras, da Guerra do Contestado, operada de início nos textos acadêmicos e historiográficos e, mais tarde, ampliada nos textos ficcionais.

Nesse final de jornada, considero que do trabalho sonhado é “minha a parte feita” - *páginas inteiras de sinais alinhados, encostados uns aos outros como grãos de areia* - e a parte “por-fazer” pertence a outros contestadores.

¹⁴⁶ CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do Contestado: Verdade Histórica*.

BIBLIOGRAFIA

Específica

- AFONSO, José Eduardo. *O Contestado*. São Paulo, Ática, 1994.
- ALBUQUERQUE, Mário Marcondes de. *Contestado: Distorções e Controvérsias*. Curitiba, Lítero-Técnica, 1987.
- ANTUNES, Ezequiel. *O Contestado entre Paraná e Santa Catarina*. Belém, Imprensa Oficial do Estado, 1918.
- ASSUMPCÃO, Herculano Teixeira d'. *A Campanha do Contestado*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1917.
- AURAS, Marli. *Contestado: A Organização da Irmandade Cabocla*. Florianópolis/São Paulo, Editora da UFSC/Cortez, 1984.
- BERNARDET, Jean Claude. *Guerra Camponesa no Contestado*. São Paulo, Global, s/d.
- BORELLI, Romário José. *Contestado*. Mimeo, s/d.
- BRESSAN, Carla Rosane. *A Construção da Identidade do Homem do Contestado Enquanto Grupo Social*. Dissertação de Mestrado em Educação, UFSC, 1992.
- CABRAL, Oswaldo. *A Campanha do Constestado*. Florianópolis, Lunardelli, 1979.
- CABRAL, Oswaldo. *João Maria: Interpretação da Campanha do Contestado*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960.
- CAVALCANTI, Walter Tenório. *Guerra do Contestado: Verdade Histórica*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1995.
- DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O Desmoronamento do Mundo Jagunço*. Florianópolis, FCC Edições, 1986.
- _____. *Os Rebeldes do Contestado: A saga dos Caboclos Expulsos pela Southern Lumber Corporation no Paraná e Santa Catarina*. Porto Alegre, Tchê!, 1987.

- FACCIONI FILHO, Mauro. *Olhos Cegos*. Florianópolis, Editora Sempredo, 1990.
- FACHEL, José Fraga. *Monge João Maria - Recusa dos Excluídos*. Florianópolis/Porto Alegre, Editora da UFSC/Editora da Universidade, 1995.
- FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980, 6ª ed.
- FELIPE, Euclides J. *O Último Jagunço - Folclore da História da Guerra do Contestado*. Curitiba, Universidade do Contestado, 1995.
- LEMOS, Alfredo de O. S. e LEMOS, Zélia de Andrade. *A História dos Fanáticos de Santa Catarina: Parte de Minha Vida Naqueles Tempos 1913/1916*. Passo Fundo, Gráfica e Ed. Pe. Berthier, s/d.
- LEMOS, Zélia de Andrade. *Curitibanos na História do Contestado*. Curitiba, Imprensa Frei Rogério, 1983.
- LEONARDOS, Stella. *Romanceiro do Contestado*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1996.
- LUZ, Aujor Ávila da. *Os Fanáticos: Crimes e Aberrações da Religiosidade dos Nossos Caboclos*. Editora do Autor, Florianópolis, 1952.
- MATHIAS, Herculano Gomes (org). *Contestado*. Florianópolis/Rio de Janeiro, Governo do Estado de Santa Catarina/Fundação Catarinense de Cultura/Index/ Fundação Roberto Marinho, 1987.
- MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado*. São Paulo, Duas Cidades, 1974.
- NASCIMENTO, Noel. *Casa Verde - Guerra do Contestado*. Curitiba, Beija Flor, 1981, 2ª ed.
- OLIVEIRA NETO, Godofredo. *O Bruxo do Contestado*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.
- OLIVEIRA, Benerval de. *Planaltos de Frio e Lama: os Fanáticos do*

- Contestado, o Meio, o Homem, a Guerra*. Florianópolis, FCC Edições, 1985.
- OLIVEIRA, Fernando Osvaldo de. *O Jagunço: um Episódio da Guerra do Contestado*. Florianópolis, Ioesc, 1978.
- PFÜTZENREUTER, Rudney Otto. *O Canto do Inhambu*. Florianópolis, Gráfica Senai/SC, 1991.
- QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social: a Guerra Sertaneja do Contestado, 1912 - 1916*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966, São Paulo, 1977, 2ª edição.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Le Guerre Saint au Brésil: le Mouvement Messianique du Contestado*. São Paulo, FFCL/USP, 1957.
- SASSI, Guido Wilmar. *Geração do Deserto*. Porto Alegre, Movimento/FCC Edições, 1982, 2ª edição.
- SCHÜLER, Donaldo. *Império Caboclo*. Porto Alegre\Florianópolis, Movimento\FCC Edições\Editora da UFSC, 1994.
- SILVA, Alcides Ribeiro J. da. *Os Rebeldes Brotam da Terra*. São Paulo, FTD, 1996.
- SOARES, J. O. Pinto. *Guerra em Sertões Brasileiros: do Fanatismo à Solução do Secular Litígio entre o Paraná e Santa Catarina*. Rio de Janeiro, Papelaria Velho, 1931.
- SOUZA, Frederecindo Marés de. *Eles não Acreditavam na Morte*. Curitiba, Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, 1978.
- STULZER, Aurélio. *A Guerra dos Fanáticos (1912 - 1916) - A Contribuição dos Franciscanos*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- THOMÉ, Nilson. *A Aviação Militar no Contestado: Réquiem para Kirk*. Caçador, Imprensa Universal, 1985/1986.
- _____. *A Insurreição Xucra no Contestado*. Caçador, FEARPE, 1987.
- _____. *Guerra Civil em Caçador*. Caçador, FEARPE, 1984.

_____. *Sangue, Suor e Lágrimas no Chão do Contestado*. Universidade do Contestado, 1993.

Geral

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. *A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro (1857-1945)*. Rio de Janeiro, Achiamé, 1981.

ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la Novela Historica*. Madrid, Grados, 1994.

ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo, Perspectiva, 1988, 2ª edição.

ARINOS, Afonso. *Os Jagunços*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1985, 3ª edição.

BAKTHIN, Mikail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, 1992.

_____. *Questões de Literatura e Estética: a Teoria do Romance*. São Paulo, Hucitec/Unesp, 1988.

BALIBAR, Etienne e MACHEREY, Pierre. “Sobre a Literatura como Forma Ideológica”. In: *Literatura, Significação e Ideologia*. Lisboa, Arcádia, 1976.

BANN, Stephen. *As Invenções da História*. São Paulo, Unesp, 1994.

BARTHES, Roland. *Novos Ensaio Críticos e O Grau Zero da Escritura*. São Paulo, Cultrix, 1974.

_____. *O Óbvio e o Obtuso*. Porto, Edições 70, 1984.

_____. *O Rumor da Língua*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas, vol. 1 - Magia, Técnica, Arte e Política*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar: a Aventura da Modernidade*. São Paulo, Companhia de Letras, 1986.

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1985, 3ª edição.
- BOTO, Carlota. “Nova História e Seus Velhos Dilemas”. In: *Revista da USP*. São Paulo, USP, 1994, nº 23.
- BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa, Presença, s/d.
- BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História*. São Paulo, Unesp, 1991.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas Híbridas - Estratégias para Entrar y Salir de la Modernidad*. Cidade do México, Grijalbo, 1989.
- CANDIDO, Antonio. “A Nova Narrativa”. In: *A Educação pela Noite e outros Ensaio*, São Paulo, Ática, 1982.
- _____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1976, 4ª edição.
- _____. *Tese e Antítese*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1964.
- CARVALHAL, Tania Franco (org.). *Culturas, Contextos e Discursos - Limiares Críticos no Comparatismo*. Porto Alegre, Editora da Universidade, 1999.
- CONNOR, Steven. *Cultura Pós-moderna - Introdução às Teorias do Contemporâneo*. São Paulo, Edições Loyola, 1992.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Literatura e Humanismo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.
- EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.
- _____. *Teoria da Literatura: uma Introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- _____. *Pós-escrito a O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s/d.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. *Da Profecia ao Labirinto: Imagens*

- da História na Ficção Latino-americana*. Rio de Janeiro, Imago, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *As Palavras e as Coisas - Uma Arqueologia das Ciências Humanas*. São Paulo, Martins Fontes, 1990, 5ª edição.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. “O Início da História e as Lágrimas de Tucídides”. In: *Revista Margem*. São Paulo, Editora da PUC/SP, 1992, nº 1.
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As Formas do Falso*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- _____. *No Calor da Hora (A Guerra de Canudos nos Jornais)*. São Paulo, Ática, 1976.
- GOLDMANN, Lucien. “O Nouveau Roman e a realidade”. In: VELHO, Gilberto (org). *Sociologia da Arte*. Zahar, Rio de Janeiro, 1966.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro. José Olympio, 1967, 6ª edição.
- HUTCHEON, Linda. *A Poética do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. “Sobre a Substituição de Importações Literárias e Culturais do Terceiro Mundo: o Caso da Obra Testemunhal”. In: *Espaço e Imagem - Teorias do Pós-moderno e Outros Ensaios*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- _____. *O Inconsciente Político - A Narrativa como Ato Socialmente Simbólico*. São Paulo, Ática, 1992.
- JHA, Prabhara. “Por uma Sociologia do Romance”. In: *Diógenes*. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1986, nº 10.
- KRISTEVA, Julia. “Ideologia do Discurso sobre a Literatura”. In: *Masculino, Feminino, Neutro: Ensaios de Semiótica Narrativa*. Porto

- Alegre, Globo, 1976.
- LACAPRA, Dominick. “História e Romance”. In: *Revista de História*. Campinas, IFCH/UNICAMP, 1991, nº 2/3.
- LANGEN, Susalinek. *Sentimento e Forma*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- LIMA, Luiz Costa. *Mímeses e Modernidade - Formas das Sombras*. Rio de Janeiro, Graal, 1990.
- _____. *O Controle do Imaginário - Razão e Imaginação no Ocidente*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LLOSA, Mario Vargas. *La Guerra del Fin de Mundo*. Barcelona, Seix Barral, 1986, 3ª edição.
- LUKÁCS, Georg. *La Novela Historica*. Cidade do México, Era, 1966.
- _____. “Narrar ou Descrever”. In: *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- _____. *Teoria do Romance*. Lisboa, Presença, s/d.
- LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1990, 3ª edição.
- LYRA, Pedro. “Ideologia”. In: JOBIM, José Luis (org). *Palavras da Crítica*. Rio de Janeiro, Imago, 1992.
- MACHEREY, Pierre. *Para uma Teoria da Produção Literária*. Lisboa, Editorial Estampa, 1971.
- MONRALIS, Bernard. *As Contraliteraturas*. Coimbra, Almedina, 1982.
- MORICONI, Ítalo. “Formas da História, Formas da Ficção”. In: *34 Letras*, Rio de Janeiro, junho, 1984, nº 4.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933 - 1974)*. São Paulo, Ática, 1977, 3ª edição.
- MUKAROVSKY, Jan. *Escritos sobre Estética e Semiótica da Arte*. Lisboa, Estampa, 1981.
- NUNES, Benedito. “Narrativa Histórica e Narrativa Ficcional”. In *Narrativa: Ficção e História*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.

- _____. *O Tempo na Narrativa*. São Paulo, Ática, 1988.
- PAZ, Octavio. “A Ambigüidade do Romance”. In: *Signos em Rotação*. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- PEREIRA, Moacir. *Imprensa e Poder - A Comunicação em Santa Catarina*. Florianópolis, FCC Edições/Lunardelli, 1989.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. “Identidade Cultural, Identidade Nacional no Brasil”. In: *Tempo Social - Revista de Sociologia da USP*. São Paulo, USP, 1989, vol. 1, nº 1.
- _____. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo, Alfa-omega, 1977, 2ª edição.
- READ, J.Loyd. *The Mexican Historical Novel*. New York, Russel & Russel, 1973.
- REGO, José Lins do. *Pedra Bonita*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1938.
- REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. *O Romance Português Contemporâneo*. Santa Maria, Edições UFSM, 1986.
- REYES, Graciela. *Polifonia Textual: La Citación en el Relato Literario*. Madrid, Gredos, 1984.
- RICCIO, Alessandra. “Lo Testimonial y la Novela de Testimonio”. In: *Revista Iberoamericana*. Pittsburgh, Universidad de Pittsburgh, 1990, nº 152/153.
- RICOUER, Paul. *Tempo e Narrativa (tomos I e II)*. Campinas, Papirus, 1994/1995.
- ROZETT, Martha Tuck. “Constructing a World: How Postmodern Historical Fiction Reimagines the Past”. In: *Clio*, Indiana, Indiana University, 1996, vol. 25, nº 2.
- SARAIVA, Antonio J. *O Discurso Engenhoso*. São Paulo, Perspectiva, 1980.
- SCHOLES, Robert e KELLOGG, Robert. *A Natureza da Narrativa*. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1977.

- SEVECENKO, Nicolau. *Literatura como Missão - Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SOARES, Iaponan e MIGUEL, Salim (org.). *Guido Wilmar Sassi - Literatura e Sociedade*. Florianópolis, Editora da UFSC/Lunardelli, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- STAM, Robert. *O Espetáculo Interrompido - Literatura e Cinema de Desmistificação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- SÜSSEKIND, Flora. “O Escritor como Genealogista: a Função da Literatura e a Língua Literária no Romantismo Brasileiro”. In: PIZARRO, Ana. *Palavra, Literatura e Cultura (Vol. II)*. Campinas, Unicamp, 1994.
- _____. *Tal Brasil, Qual Romance?* Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- SVATON, Vladimir. “Lo Épico en la Novela y el Problema de la Novela Histórica”. In: *Revista de Literatura*. Madrid, 1989, Tomo LI, nº 101.
- THOMPSON, John B. “O Conceito de Ideologia”. In: *Ideologia e Cultura Moderna*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. *Os Gêneros do Discurso*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.
- _____. *Poética da Prosa*. Lisboa, Edições 70, 1971.
- UNZUETA, Fernando. *La Imaginacion Historica y el Romance Nacional en Hispanoamerica*. Pittsburgh, Latinoamericana Editores, 1996.
- VANOYE, Francis. *Usos da linguagem - Problemas e Técnicas na Produção Oral e Escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 1985, 5ª edição.
- WHITE, Hayden. *Meta-História*. São Paulo, EDUSP, 1992.
- _____. *Trópicos do Discurso - Ensaio sobre a Crítica da Cultura*. São

- Paulo, Edusp, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo, Nacional, 1969.
- _____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- XAVIER, Ismail. *Alegorias do Subdesenvolvimento - Cinema Novo, Tropicália, Cinema Marginal*. São Paulo, Brasiliense, 1993.
- ZAMUDIO, José. *La Novela Historica en Chile*. Santiago, Francisco de Aguirre, 1973.